



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Mestrado em Educação

Soraya Sampaio Vergilio

ELEVANDO A TENSÃO GERAL - O AUMENTO DA ESCOLARIDADE DE
ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS EM MEDIDA DE
INTERNAÇÃO PROVISÓRIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro
2009

Soraya Sampaio Vergilio

ELEVANDO A TENSÃO GERAL - O AUMENTO DA ESCOLARIDADE DE ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS EM MEDIDA DE INTERNAÇÃO PROVISÓRIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Marcio da Costa

Rio de Janeiro
2009

VERGILIO, Soraya Sampaio.

Elevando a Tensão Geral - O aumento da escolaridade de adolescentes autores de atos infracionais em medida de internação provisória no Estado do Rio de Janeiro /

Soraya Sampaio Vergilio. Rio de Janeiro, 2009.

f.: 90 il.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2009

Orientador: Marcio da Costa

1. Teoria Geral da Tensão. 2. DEGASE. 3. Adolescente em privação de liberdade. 4. Educação. 5. Ensino Médio.

I. Costa, Marcio da. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: _____

Soraya Sampaio Vergilio

ELEVANDO A TENSÃO GERAL - O AUMENTO DA ESCOLARIDADE DE ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS EM MEDIDA DE INTERNAÇÃO PROVISÓRIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 29 de abril de 2009.

(Marcio da Costa, Doutor, UFRJ)

(José Ignácio Gestoso Cano, Doutor, UERJ)

(Irma Rizzini, Doutora, UFRJ)

Ao meu amado vovô Alfredo que em vida
rejeitou o estigma de menor interno da Escola
Quinze e se transformou no homem mais
virtuoso que conheci dedico este trabalho.

Agradecimentos:

A Deus, por guiar meus passos durante esta caminhada.

Aos jovens que participaram das entrevistas e àqueles que passaram e, infelizmente, passarão pelo Instituto Padre Severino, por terem me transformado numa pessoa melhor.

À minha mãe, uma mulher capaz de demonstrar diariamente seu amor por mim e meus filhos, pelo exemplo de superação, força, amizade, lealdade e altruísmo nos momentos mais difíceis e importantes da minha vida.

Aos meus amados filhos, João e Valentina, por todos os momentos que deixamos de passar, passamos e passaremos. Por significarem a renovação da minha esperança em pessoas boas e por serem minha motivação diária e para todos os momentos da minha vida.

Ao meu amigo, companheiro e amor Levy, por ter me incentivado e ajudado. Por dividir e “encarar” comigo, nossos filhos e minha mãe quaisquer momentos sejam eles alegres ou tristes.

À minha Tia Sandra, minhas primas-irmãs Mi e MÔ e aos primos de coração Jamil e Rogério, por fazerem parte da minha vida. Tia, pelo sorriso mais feliz que conheci e gargalhada mais contagiante. Mi, por me ajudar muito neste processo e ser a parte de equilíbrio e inteligência que faltou nos meus genes. MÔ, por todos os momentos felizes que passamos juntas.

Ao meu sobrinho de coração Felipe, por revigorar meus votos de esperança na vida e por ser, modéstia à parte, o sobrinho mais lindo.

À minha avó Almerinda, mulher à frente do seu tempo e além do previsível, por todos os momentos intensos, felizes e tristes que passamos juntas e passaríamos de novo se pudéssemos.

Aos meus tios Francisco, Noberto e Rolando, por terem conseguido, apesar de todas as mazelas as quais foram entregues quando internos na Escola Quinze, superar as dificuldades que a vida os impôs.

Aos meus primos David e Márcia, por transformarem suas vidas em exemplos de união, luta e determinação para mim.

Aos meus amigos de trabalho, em ordem alfabética e não de preferência, Adriana, Cláudia, Deice, Fátima, Mari, Mathias, Sandra, Valéria e a todos que partilham comigo as angústias e dificuldades de sermos professores no DEGASE.

Aos meus amigos Marcos, Tânia e Andréia por me incentivarem, ajudarem e socorrerem nos momentos em que mais precisei. Marcos minha biblioteca *on-line* e *on-time*. Tânia minha amiga sem a qual nada disto seria possível. Andréia, acima de qualquer coisa, a irmã que escolhi.

Aos amigos que o Mestrado me deu, Marcella, Reginaldo e Ana, por serem meus alentos durante esta caminhada.

A Solange e Henrique, por serem nossos aliados na burocracia do Curso e, além disto, estarem sempre dispostos a ajudar.

Ao professor Dr. Ignácio Cano, por ter gentilmente cedido suas valorosas obras.

Ao meu orientador, por acreditar, em alguns momentos mais do que eu, que era possível, viável e relevante este projeto. Por tudo que me ensinou, pelo o que aprendi e pelo que minha limitação não me permitiu alcançar.

“Tudo se altera, menos a crescente desgraça da criança abandonada. E entretanto creio que nada há mais trágico do que vemos crianças (são internadas em geral aos 7 anos), que estão sob a guarda do Estado, serem transformadas em assassinos”.

Raquel de Queiroz

Resumo

ELEVANDO A TENSÃO GERAL - O AUMENTO DA ESCOLARIDADE DE ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS EM MEDIDA DE INTERNAÇÃO PROVISÓRIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A presente pesquisa objetivou encontrar explicação para o aumento de adolescentes autores de atos infracionais e privados de liberdade com Ensino Médio. A constatação de que a elevação destes jovens mais escolarizados e cumprindo medida sócio-educativa de internação provisória no Instituto Padre Severino excedeu desproporcionalmente a da coorte, segundo informações do PNAD, indicou que, no mínimo, algo contraditório acontece. O contraditório está entre o que é senso comum, a escola como fator de prevenção da criminalidade, e o fato que vai na contramão, cada vez mais adolescentes com trajetórias escolares relativamente longas e sem defasagem idade-série estão em privação de liberdade. A análise deste fenômeno complexo se baseou na Teoria da Tensão Geral, *General Strain Theory* de Robert Agnew, pois considera a delinquência como resultante de uma ou mais situações de tensão estabelecidas no meio social. Ao longo das entrevistas foi possível identificar que para todos os jovens que eram alunos da rede estadual a escola representa uma fonte de tensão. Ao afirmarem, por exemplo, que a escola é importante para o futuro e declararem que o ensino não é suficiente para o alcance de objetivos traçados, estes adolescentes, segundo o referencial, estão submetidos à potenciais focos de tensão. O que a Teoria da Tensão Geral indicou é que a escola não foi o foco que diretamente causou o ato infracional, porém representa atualmente, em função da falta de perspectivas e oportunidades, mais uma significativa fonte de pressão sobre as aspirações destes jovens. Após todas as considerações feitas concluiu-se que o aumento de adolescentes de Ensino Médio cumprindo medida sócio-educativa de internação excedeu a da coorte porque, atualmente em função da

pouca qualidade do ensino ofertada, o sistema público no qual estes jovens estão ou estiveram inseridos cada vez menos oportuniza elementos para que os mesmos alcancem as metas aspiradas. Esta falta de oportunidades e perspectivas sugere que o hiato entre os jovens, em medida privativa de liberdade, mais escolarizados e os menos escolarizados possa diminuir ainda mais com o passar do tempo.

Palavras-chave: Teoria da Tensão Geral – DEGASE – Adolescente em privação de liberdade – Educação – Ensino Médio – Instituto Padre Severino

Abstract

INCREASING THE GENERAL STRAIN - THE ELEVATION OF SCHOOL LEVEL OF ADOLESCENTS INVOLVED IN CRIMINAL ACTIVITIES AND KEPT IN DETENTION CENTERS IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO

The present research aimed at finding an explanation to the increase in teenage high school students involved in criminal activities and who have been kept in rehabilitation centers. The finding that the rise of this particular group at the correctional facility Instituto Padre Severino exceeded by far that of the cohort, according to information from PNAD, indicated that, at least, something contradictory is taking place. The contradiction lies between what is common sense, the school as an institution that prevents crime, and the fact that an increasing number of students with long educational trajectories and without age-grade delays are incarcerated. The analysis of this complex phenomenon was based on the General Strain Theory from Robert Agnew, since it considers delinquency as a result of one or more tense situations established in the social environment. During the interviews it was possible to identify that for all students attending public schools, the school represents a source of tension.

When they affirm, for example, that school is important for the future, and declare that learning is not enough to reach one's goals, these teenagers, according to reference, are submitted to potential tension focus. The General Strain Theory indicated that the School was not the direct source of the criminal act, but rather represents, due to the lack of perspective and opportunities, yet another significant source of pressure over these teenagers' aspirations. After all considerations were done, we can conclude that the increase in the number of High School students in detention centers exceeded that of the cohort because, due to the low

quality of the education offered, the public system in which these teenagers are or have been inserted provides few opportunities for them to reach their goals. This lack of opportunities and perspectives suggests that the gap between teenagers with low education in detention centers and those of higher education levels in the same condition may decrease even more as time passes.

Key-words: General Strain Theory – DEGASE – Teenagers in detention centers – Education – High School

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 Percentual de escolarização dos alunos no CEPCLS de 2003 a 2007 por anos de estudo.....	9
FIGURA 2 Gráfico com percentual de adolescentes de Ensino Médio segundo os dados do Colégio e do PNAD.....	10
FIGURA 3 Gráfico logarítmico usando os dados da Figura 2.....	10
FIGURA 4 Níveis e variáveis, segundo Modelo Ecológico, que explicam a prática do crime pelos indivíduos.....	34
FIGURA 5 Níveis e variáveis, segundo Modelo Ecológico, que explicam a prática do crime pelas guangues.....	35

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 Alunos matriculados no CEPCLS.....	9
TABELA 2 Quantidade de número de adolescentes agrupado por Tipo de Tensão.....	57
TABELA 3 Considerações sobre a escola e a trajetória escolar.....	61

LISTA DE SIGLAS

CEPCLS	Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva
CITUAD	Centro Intensivo de Tratamento de Uso e Abuso de Drogas
COESP	Coordenadoria das Escolas Sócio-educativas e Prisionais
CRIAM	Centro de Recuperação Intensiva e Atendimento ao Menor
DPCA	Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IPS	Instituto Padre Severino
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio
SEE	Secretaria Estadual de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1. 1 O PROBLEMA.....	3
1. 2 JUSTIFICATIVA.....	6
1. 3 OBJETIVOS.....	7
1. 4 REFUTANDO A TERCEIRA HIPÓTESE.....	8
1. 5 COMEÇANDO PELO FIM: O CAMINHO DO ADOLESCENTE EM MEDIDA PRIVATIVA DE LIBERDADE.....	11
1. 5. 1 O autor de ato infracional e a política de atendimento no Estado do Rio de Janeiro.....	11
1. 5. 2 Pego no ato: o ato infracional na Capital/ DPCA e Vara.....	12
1. 5. 3 Pego no ato: o ato infracional no Interior.....	13
1. 5. 4 Os passos do adolescente em medida de internação.....	13
1. 5. 5 Instituto Padre Severino.....	15
1. 5. 6 Colégios.....	16
1. 5. 7 Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva.....	17
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	19
2. 1 HISTÓRIA, ESCOLA E PREVENÇÃO CONTRA O CRIME.....	20
2. 1. 1 Seguindo as pistas: origem do pensamento sobre a escola como prevenção à criminalidade.....	20
2. 1. 2 Na continuação da história: o que revelam os estudos sobre a escolarização dos adolescentes em conflito com a lei?.....	22
2. 1. 3 Estudos atuais que apontam objetivamente a escola como aliada na prevenção da criminalidade	27
2. 1. 4 Considerações finais sobre o sistema público de ensino atual no Brasil e escolarização do autor de ato infracional.....	29
2. 2 AS TEORIAS ATUAIS DA PREVENÇÃO DA CRIMINALIDADE ATRAVÉS DA ESCOLA.....	31
2. 2. 1 Estudos gerais sobre criminalidade e reincidência.....	32
2. 2. 2 Teoria do Aprendizado Social, do Controle Social e da Tensão Geral	35
2. 2. 3 A evasão escolar no olho do furacão: os olhares das Teorias da Tensão Geral, Controle Social e Aprendizagem Social	40
3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
3. 1 DA TEORIA À PRÁTICA: APLICABILIDADE DA <i>STRAIN GENERAL THEORY</i>	
3. 2 BREVE HISTÓRICO.....	44
3. 2. 1 Os adolescentes e suas vidas.....	45
3. 3 PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO.....	53
3. 4 FATORES EXTRA-ESCOLARES QUE REPRESENTARAM FOCOS DE TENSÃO	56

3. 4. 1 Os Tipos de Tensão e os resultados dos fatores extra-escolares.....	57
3. 4. 1. 1 Bloqueio de Metas ou Impossibilidade de atingir metas positivamente avaliadas.....	58
3. 4. 1. 2 Apresentação de estímulos negativos.....	59
3. 4. 1. 3 A perda de estímulos positivamente avaliados.....	60
3. 5 FATORES INTRA-ESCOLARES.....	60
3. 5. 1 A escola na perspectiva do adolescente.....	61
4 CONCLUSÕES.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS.....	71

1 INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu da observação da mudança no nível de escolarização dos adolescentes atendidos pela escola que funciona dentro das dependências do Instituto Padre Severino. O Instituto Padre Severino é uma conhecida instituição para jovens autores de atos infracionais que cumprem medida de internação provisória no Estado do Rio de Janeiro. É famosa por abrigar episódios trágicos e tragédias diárias com os menores que por lá passam. Muito pouco se tem de estudos que contemplem a realidade destes jovens. Mais escassas ainda são pesquisas do campo da Educação nos espaços de privação de liberdade seja pela invisibilidade social destes jovens ou pela dificuldade de acesso, imposta muitas vezes pelo próprio Estado, dos pesquisadores.

Observamos que ao longo dos anos a demanda pela criação de turmas com maiores níveis de escolarização foi aumentando consideravelmente. Se em 2002 atendemos três adolescentes de Ensino Médio, ao longo do ano e em 2005, por exemplo, passamos a atender 41 jovens. Isto indicava uma mudança bem significativa.

Este crescimento não se deu apenas nas turmas de Ensino Médio, mas também nas turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental. Estávamos, então, diante de um grande problema: como explicar esta elevação desproporcional? Acreditamos que a escola é especialmente importante para a ressocialização destes jovens. Como então entender e conviver com esta situação no mínimo antagônica?

Há uma crença amplamente difundida de que a escola é fator de prevenção contra a criminalidade. Por que então cada vez mais adolescentes com maior nível de escolarização estão cumprindo medida de privação de liberdade?

Após a constatação do problema buscamos respostas que pudessem fornecer explicações para o aumento deste grupo mais escolarizado. A primeira explicação é de que a

elevação fosse reflexo do aumento da escolarização da população. Tal explicação foi logo refutada ao constatarmos que, no caso, o índice de elevação do Ensino Médio dentro do IPS, foi espantosamente maior que o aumento na coorte correspondente na população. Outra hipótese levantada é a de que a impunidade estivesse diminuindo (ou que a Polícia e a Justiça estivessem sendo mais eficientes). Não é razoável, porém, investir nessa hipótese, dado que, como se verá adiante, a elevação observada na escolaridade é muito acentuada. Mudanças institucionais que produzissem tal alteração seriam muito marcantes, algo não observado no período. E a terceira é a de que a escola pública (com exceção das escolas de alto prestígio) de Ensino Médio, em função das poucas perspectivas que oferta e da baixa qualidade do ensino ministrado, não esteja proporcionando inserção no mercado de trabalho e elementos de socialização adequados para estes jovens.

E foi a partir da hipótese da baixa qualidade e escassas oportunidades ofertadas no Ensino Médio, principalmente o do Sistema Público, que desenvolvemos o trabalho. Pensamos então em, além de retomar a própria trajetória do adolescente dentro do sistema sócio-educativo, resgatar um pouco de sua trajetória de vida.

Para entendermos o que fez estes jovens mudarem suas condições sociais para adolescentes autores de atos infracionais, precisamos de um referencial que explicasse e se aplicasse a esta realidade. Elegemos então a Teoria da Tensão Geral formulada pelo sociólogo Robert Agnew. Porque, inicialmente, entendemos que ainda não são suficientes os trabalhos no Brasil contemplando este público resolvemos, também, divulgar quais são os estudos mais relevantes nesta área. Até porque a referida Teoria utiliza conceitos importantes de outros referenciais. Quando a Teoria Geral da Tensão usa, por exemplo, o conceito de “subcultura da mocidade” pode-se buscar também uma contribuição significativa no referencial teórico do Aprendizado Social. Este foi o segundo motivo que nos fez relatar superficialmente as principais teorias para adolescentes autores de atos infracionais.

A partir da escolha da *General Strain Theory* como referencial teórico é que se desenvolveu desde a seleção das perguntas aplicadas ao questionário e na entrevista até a análise dos dados. Esperamos que a pesquisa possa, além do alcance dos objetivos propostos durante a apresentação deste trabalho, apontar o quão complexo e heterogêneo é o grupo destes jovens geralmente classificado e reduzido, de acordo com situação social em que se encontra (privado de liberdade), além de suscitar o interesse de outras pessoas para o desenvolvimento de trabalhos sobre esta realidade há anos negligenciada.

1. 1 O PROBLEMA

O perfil do adolescente em conflito com a lei tem se configurado no de que este jovem é de classe economicamente baixa, constituição familiar desestruturada, classificação da cor/raça declaradamente parda ou preta, morador de comunidades (a maioria localizada nas regiões metropolitanas) desassistidas pelo poder público e cujo nível de escolaridade está nas séries do primeiro segmento do Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano).

Tal modelo é o que tem, atualmente, sido descrito na principal literatura que trata de temas relativos à juventude, criminalidade e medidas sócio-educativas.

Ao fazer uma análise histórica das políticas de assistência para a infância e adolescência no Brasil observam-se mudanças tanto nas características destes grupos quanto nas percepções que a sociedade constrói acerca deles, tais quais as transformações da sociedade em que estão inseridos.

Para melhor entendimento do que classificamos como mudanças nas percepções pode-se citar as formas como vieram se constituindo historicamente as alterações na própria denominação atribuída a estes jovens: crianças desvalidas, criminosas (até a passagem para a República), menores (até a criação do Código de Menores de 1927), menores contraventores,

criminosos, delinqüentes (até o Código de Menores de 1979), menores infratores (até o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA – em 1990) e atualmente adolescentes em conflito com a lei.

A forma como foram e são chamados contem em si de que maneira a sociedade os vê e a dificuldade que a mesma tem de identificá-los de novas e outras formas (ainda hoje, dezesseis anos após a existência do ECA, a maioria das pessoas classifica este público como menores infratores, delinqüentes).

Bem como os nomes atribuídos a esta parcela da população vêm se modificando, é possível que o perfil destes jovens venha sendo alterado com o correr do tempo. E de forma tão rápida quanto os acontecimentos em seu entorno, levando tempo para que tais mudanças sejam percebidas.

Atualmente, pode-se afirmar que uma transformação bem significativa no perfil dos adolescentes cumprindo medida sócio-educativa de internação no Estado do Rio de Janeiro está no âmbito da Educação, já que houve um aumento significativo no nível de escolarização destes jovens, principalmente, no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

E é este recente crescimento progressivo de alunos do Ensino Médio no Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva (CEPCLS) que indica o problema a ser investigado na dissertação formulado a partir da seguinte pergunta: O aumento de alunos de Ensino Médio no Instituto Padre Severino (IPS) excede a elevação da escolarização na coorte correspondente na população? Caso sim, a que pode ser atribuído este fenômeno?

No decorrer do processo de pesquisa do problema proposto pretende-se investigar também as seguintes questões:

- Em que medida a experiência escolar, relativamente longa, desses jovens pode estar implicada em sua trajetória de jovens infratores? O que dessas experiências é significativo para eles e por que razões pode-se considerar que a escola não “protegeu” suficientemente esses jovens da condição em que se encontram?
- Quais fatores, além dos relativos à Escola, contribuíram para que estes adolescentes praticassem atos infracionais?

O primeiro questionamento explica, através da memória destes jovens de suas trajetórias, quais fatores intra-escolares, principalmente na rede pública de ensino, podem ter influenciado na prática de atos infracionais.

A segunda questão, diretamente relacionada à primeira, implica em entender, também segundo a perspectiva dos adolescentes, quais foram os fatores extra-escolares que podem ter contribuído para situação social em que se encontram.

Mas o porquê ou “porquês” desta elevação na escolaridade pode decorrer de, ao menos, três fenômenos: o nível alto de escolarização não isenta o jovem da prática de ato infracional, ou seja, a escola por si só não protege contra o crime; redução da impunidade nessa camada escolarizada da população; ou, ainda, pode decorrer da simples elevação geral da escolaridade na população. A segunda hipótese é improvável, ao menos na percepção corrente na sociedade em geral, e foge muito do campo da Educação. A terceira, igualmente precisa ser considerada, pois, nesse caso, não haveria um fenômeno destacado ocorrendo, retirando mesmo interesse de nosso estudo. Por fim, um último fator, meramente de composição etária do alunado, poderia estar na fonte da explicação do fenômeno. Seria razoável esperar que estivesse ocorrendo elevação na idade média dos jovens internos do IPS e que, portanto, a elevação no nível escolar dos mesmos fosse atribuída a esta mudança de

composição demográfica. Não é possível, infelizmente, apresentar evidências documentais contra essa possibilidade, dado que as fichas de onde foram extraídos os dados sobre escolaridade não contem informações sobre a idade. O alagamento ocorrido durante uma rebelião, em 2003, e o desaparecimento dos diários de classe também comprometeram seriamente toda a possibilidade de uso de registros em mais longo prazo. A impressão, contudo, de todos os que trabalham na instituição vai na contramão dessa hipótese. Todos que trabalham no “Padre”, estamos convencidos de que não houve qualquer elevação na idade média dos internos, podendo ter ocorrido tendência exatamente oposta. Portanto, nossa hipótese é que este aumento dos alunos de Ensino Médio e do segundo segmento do Ensino Fundamental exceda, em muito, ao da coorte em virtude da pouca perspectiva ofertada pelo ensino regular para o futuro e vida do jovem, desmistificando a escolarização como fator isolado de prevenção da criminalidade.

1. 2 JUSTIFICATIVA

O motivo para a escolha do tema a elevação da escolarização do adolescente em conflito com a lei tem por justificativa principal, além da necessidade de desmistificar o estigma de que este grupo seja composto unicamente por analfabetos ou semi-alfabetizados, achar explicação para este fenômeno de contorno educacional.

Foi a partir da observação do aumento de demanda de alunos para as turmas de sétimo, oitavo e nono anos do Ensino Fundamental e de Ensino Médio ao longo dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007 no Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva que surgiu a necessidade de tentar encontrar indícios para explicar porque adolescentes com escolarização mais elevada estariam cometendo cada vez com maior frequência atos infracionais e recebendo medida de internação.

Para melhor compreensão do contexto, o referido Colégio é uma unidade escolar pública subordinada à Secretaria de Estado de Educação que tem como público-alvo adolescentes em conflito com a lei, cumprindo medida sócio-educativa de internação provisória. A escola está situada dentro das dependências do Instituto Padre Severino, unidade do DEGASE (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas) que é o órgão responsável pela execução de medidas aplicadas pelo poder judiciário, especificamente a Vara da Infância e Juventude, no Estado do Rio de Janeiro. São incontáveis os problemas que encontramos numa unidade escolar como esta classificada, até pouco tempo atrás, pela Secretaria Estadual de Educação como Escola Diferenciada.

Estes adolescentes que estão cumprindo medida privativa de liberdade são do sexo masculino, com idades entre doze e dezoito anos incompletos, oriundos de todo o Estado do Rio de Janeiro e são autores de ato infracional (conduta descrita como crime ou contravenção penal).

Esta pesquisa almejou não só identificar se o aumento de adolescentes de Ensino Médio excedeu a da coorte, mas apontar quais fatores colaboraram para que estes jovens passassem para a condição de autores de atos infracionais, considerando-se seus próprios relatos. A partir do diagnóstico destes aspectos, se podem traçar propostas para o atendimento dentro do Colégio do Instituto Padre Severino bem como fornecer alertas ao sistema de ensino público no Estado do Rio de Janeiro.

1. 3 OBJETIVOS

O **objetivo geral** da pesquisa é explicar se e porque o aumento de alunos na turma de Ensino Médio que funciona no Colégio Estadual situado nas dependências do Instituto Padre

Severino excede a elevação na coorte correspondente na população. Para isso, procuraremos respostas através da própria ótica destes jovens.

Com este estudo pretende-se também alcançar os seguintes **objetivos específicos**:

- Assinalar mudança no nível de escolarização do adolescente, do sexo masculino, autor de ato infracional em medida privativa de liberdade através do perfil sócio-econômico alunos de Ensino Médio;
- Identificar se há fatores intraescolares que contribuíram para a prática de ato infracional e
- Apontar quais outros fatores, além dos escolares, podem ter contribuído para a prática de ato infracional.

1. 4 REFUTANDO A TERCEIRA HIPÓTESE

Retomando o problema inicial no qual se procura uma resposta para o aumento de adolescentes na turma de Ensino Médio do Colégio dentro do Instituto Padre Severino, a hipótese de que esta elevação da escolaridade segue numa proporção próxima a da coorte no Brasil foi logo refutada. O aumento no CEPCLS foi bem superior ao da coorte.

O gráfico a seguir mostra o aumento na referida unidade escolar:

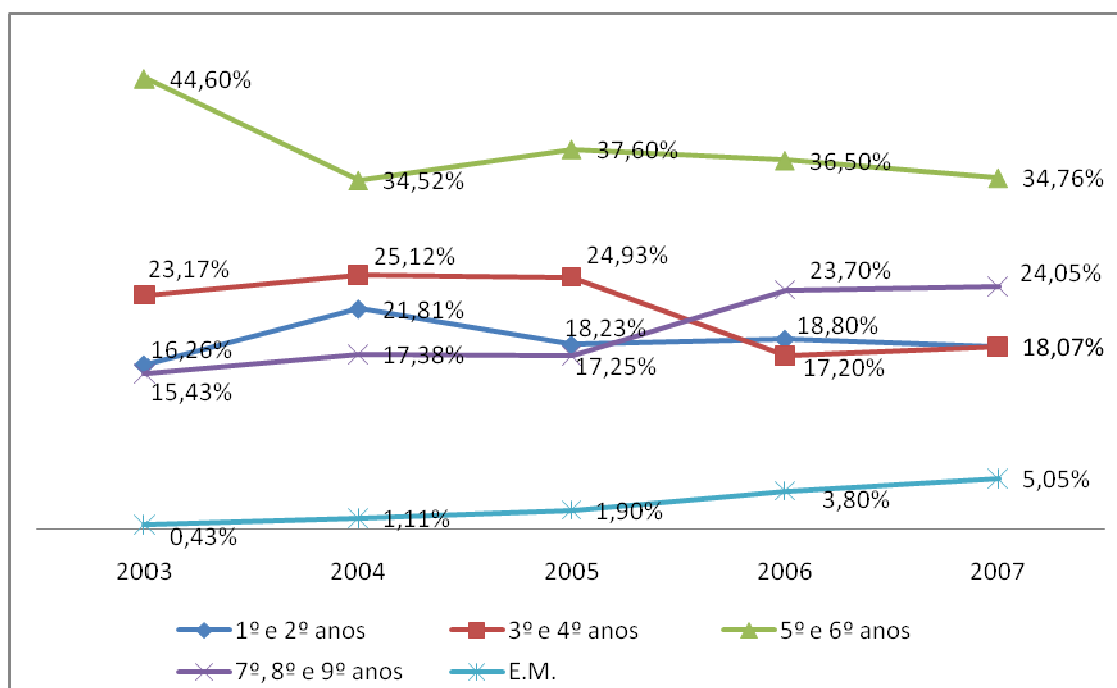


FIGURA 1 Percentual de escolarização dos alunos no CEPCLS de 2003 a 2007 por anos de estudo. (Fonte: fichas dos alunos)

Como se pode observar o percentual de adolescentes com Ensino Médio aumentou significativamente de 2003 até 2007. Inicialmente o referido grupo representava menos de 0,5% da população matriculada. De 2005 para 2006 dobrou o percentual com maior escolarização. E findou em 2007 com um crescimento de mais de 1000% (precisamente 1074%) em relação à proporção inicial.

Abaixo a tabela indica a quantidade de adolescentes matriculados, atendidos pelo CEPCLS no período compreendido entre 2003 e 2007:

TABELA 1 Alunos matriculados no CEPCLS

Ano	Quantidade
2003	1605
2004	1966
2005	2148
2006	1810
2007	1821

No ano de 2003 houve várias rebeliões e, conseqüentemente, interrupção das aulas em diversos momentos gerando assim uma pequena queda nas atividades escolares. Tal fato explica a menor quantidade de alunos para aquele ano. Mas, apesar de uma pequena redução no primeiro ano, a tabela aponta para regularidade no quantitativo de adolescentes atendidos pela escola.

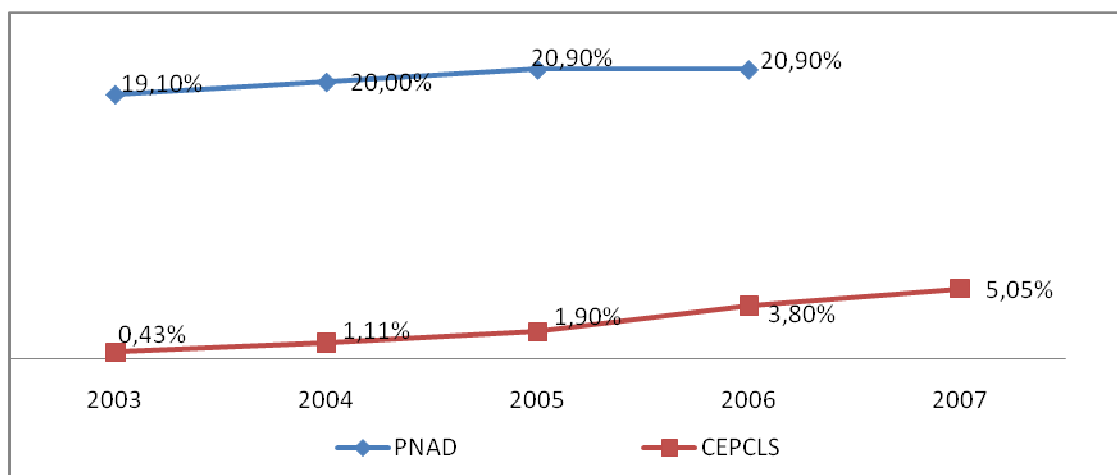


FIGURA 2 Gráfico com percentual de adolescentes de Ensino Médio (faixa dos 12 aos 18 anos) segundo os dados do Colégio e do PNAD.

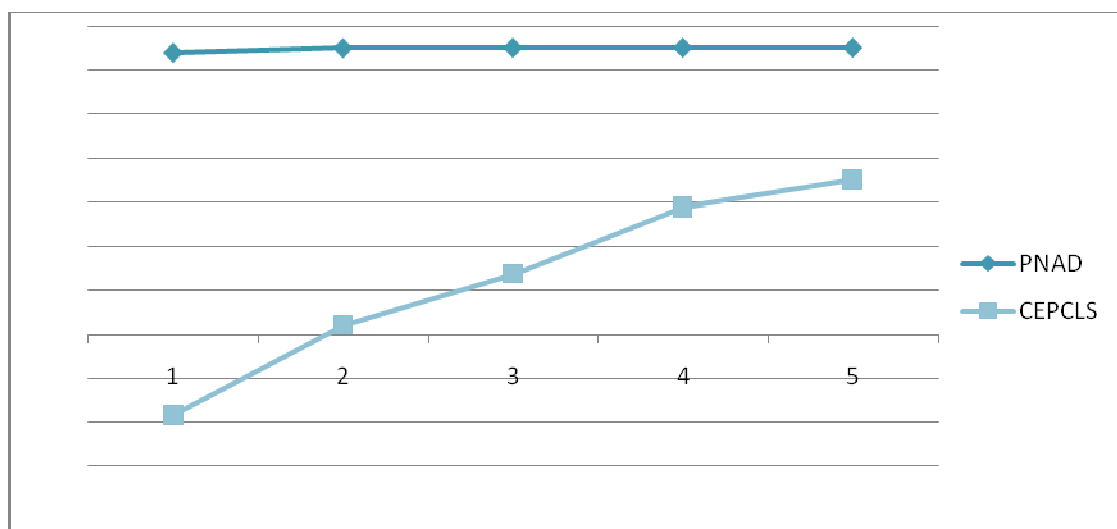


FIGURA 3 Gráfico logarítmico usando os dados da Figura 2.

As figuras 2 e 3 são gráficos que usam os mesmos dados. No caso da Figura 2 o gráfico apresenta o percentual de adolescentes com Ensino Médio no Colégio do IPS e a quantidade na mesma coorte (15 a 18 anos de idade) segundo informações do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio). A Figura 3 é o gráfico logarítmico da Figura 2, inserido como forma de representar na mesma escala o comportamento da curva de evolução do percentual de jovens nas condições descritas.

Em ambos os gráficos o aumento da população na faixa de escolaridade escolhida ao longo dos anos na escola do IPS é consideravelmente superior à elevação na mesma população fora do IPS. Ou seja, enquanto no CEPCLS o crescimento foi de mais de 1000% no resto da população, segundo o PNAD, foi de pouco mais de 9% (precisamente 9,42%). Logo a terceira hipótese, de que o aumento na escola seria apenas o reflexo do crescimento da escolarização da população, foi refutada.

1. 5 COMEÇANDO PELO FIM: O CAMINHO DO ADOLESCENTE EM MEDIDA PRIVATIVA DE LIBERDADE

1. 5. 1 O autor de ato infracional e a política de atendimento no Estado do Rio de Janeiro

A execução das medidas sócio-educativas nas unidades de internação por medida e provisória no Estado do Rio de Janeiro cabe ao DEGASE (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas) órgão vinculado atualmente à Secretaria de Estado de Educação. O referido órgão foi criado em 1993 a fim de atender a descentralização político-administrativa, em conformidade com as normativas nacionais, conhecidas como estadualização do Sistema Sócio Educativo.

As instituições que compõem o DEGASE são responsáveis por executar as medidas sócio-educativas imputadas pela Vara da Infância e Juventude aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos no Estado do Rio de Janeiro.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, normativa nacional que dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente, adolescente em conflito com a lei é todo jovem com idade compreendida entre doze e dezoito anos incompletos, autor de "conduta descrita como crime ou contravenção penal" (art. 103). Por considerar-se o menor de dezoito anos como penalmente inimputável, ou seja, há impossibilidade de se atribuir a autoria ou responsabilidade pelo crime, ficam estes sujeitos ao cumprimento das medidas.

1. 5. 2 Pego no ato: o ato infracional na Capital/ DPCA e Vara

Somente o menor autor de ato infracional, dentro do município do Rio de Janeiro, é encaminhado a DPCA (Delegacia de Proteção a Criança e ao Adolescente). Ao chegar o adolescente é cadastrado e encaminhado a ao Instituto Médico Legal para que seja feito exame de corpo de delito a fim de resguardar sua integridade física. O adolescente é novamente encaminhado para a Delegacia e é, então, levado a Vara da Infância e Juventude. Lá ele vai receber a medida sócio-educativa estabelecida pelo Juiz. Segundo o próprio relato do Desembargador Guaraci Campos Viana, na época da entrevista titular da Vara de Infância e Juventude, a maioria dos adolescentes não recebe medida sócio-educativa de internação.

1. 5. 3 Pego no ato: o ato infracional no Interior

O adolescente autor de ato infracional e de fora do Município do Rio de Janeiro, quando pego pela polícia é encaminhado para uma Delegacia não especializada em adolescente. Da Delegacia é encaminhado ao Fórum onde recebe mandado para cumprir medida sócio-educativa de internação provisória. Do Fórum é levado inicialmente para o CTR e posteriormente para o Instituto Padre Severino.

1. 5. 4 Os passos do adolescente em medida de internação

O adolescente encaminhado pela Vara para cumprir medida sócio-educativa de internação provisória é levado ao CTR (Centro de Triagem e Recepção) onde permanece, em média, por dois dias.

No Centro de Triagem e Recepção (CTR) o público é composto por adolescentes do sexo masculino vindos de todas as comarcas (Municípios) do Estado e tem por objetivo a recepção, triagem, apresentação ao juiz e encaminhamento destes jovens para o cumprimento de medida sócio-educativa nas unidades do Departamento.

Já no Instituto Padre Severino, única instituição exclusivamente de Internação Provisória do DEGASE, o adolescente deve permanecer em média quarenta e cinco dias internado. Atendem-se adolescentes e jovens do sexo masculino de doze a vinte e um anos incompletos.

Para cumprimento de medida no DEGASE dos jovens adultos com idades compreendidas entre dezoito anos completos e vinte e um anos incompletos estes devem ter mandados de busca e apreensão em virtude do descumprimento de medidas sócio-educativas imputadas pela Justiça quando os mesmos ainda eram menores de idade.

Findado o período do regime de internação por medida (que poderá ser de no máximo

três anos) o adolescente terá audiência com o Juiz responsável da Comarca à qual pertença e, então, receberá a medida que terá que passar a cumprir. São elas: Liberdade Assistida (em que será acompanhado por uma técnica periodicamente nos Pólos de Liberdade Assistida), Semiliberdade (o jovem cumprirá a medida em um dos quinze CRIAM's espalhados pelo Estado do Rio de Janeiro) ou poderá ser encaminhado ao CITUAD (Centro Intensivo de Tratamento de Uso e Abuso de Drogas - unidade exclusiva para jovens do sexo masculino) se for detectada a dependência de drogas.

No caso de o Juiz determinar o regime de internação por medida, que poderá ser de até três anos o adolescente será encaminhado a uma das três unidades de internação que existem no Estado do Rio de Janeiro:

- Educandário Santo Expedito (localizado em Bangu) - acautela os adolescentes entre dezesseis e vinte e um anos incompletos, do sexo masculino, vindos exclusivamente da Comarca da Capital do Rio de Janeiro.
- Escola João Luiz Alves (localizado na Ilha do Governador) - acautela os adolescentes de doze a dezesseis anos, do sexo masculino.
- Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo/CAI-Baixada (localizado em Belford Roxo) - acautela os adolescentes do sexo masculino na faixa etária de doze a vinte e um anos incompletos oriundos de todas as Comarcas excetuando-se a da Capital.

No caso das adolescentes do sexo feminino, de doze a vinte anos incompletos, existe uma única unidade para os regimes de internação provisória e por medida que é o Educandário Santos Dumont, também localizado na Ilha do Governador.

1. 5. 5 Instituto Padre Severino

Pouco se tem de material disponível informando sobre a origem e fundação do Instituto Padre Severino. No dossiê de Filho (1956) sobre o Serviço de Assistência a Menores (SAM), órgão em que foi diretor de setembro de 1954 à novembro de 1955, a referida instituição é definida como “Luzeiro de Esperança” em meio aos trágicos exemplos de estabelecimentos destinados à infância desvalida. O IPS fora uma instituição criada no ano de 1951, conforme o Decreto nº 29.857 dos arquivos digitalizados do Portal da Câmara, embora a execução da obra só tenha iniciado em 1954. Ao que tudo indica a inauguração foi em 1955, pois quando o autor pediu exoneração o IPS ainda não estava totalmente ocupado.

A instituição à época da construção recebeu o nome de Instituto Psicoterápico Padre Severino e destinou-se a “abrigar os ‘dificílimos’” e, em uma ala especial, “os irrecuperados, maiores de 18 anos”. O tratamento ao qual os internos seriam submetidos constava de atividades educacionais, laborativas, momentos de lazer (“baralho” e “televisão”) e atendimentos psicológico e médico. A unidade seria modelo na recuperação dos menores.

Mais dois arquivos foram encontrados sobre a referida Instituição. São eles os Decretos nº 40.385, de 20 de Novembro de 1956 e nº 42.510, de 26 de Outubro de 1957. Ambos dispõem sobre outras finalidades da Instituição, respectivamente, “destina-se a menores do sexo masculino, infratores das leis penais” e “receber menores do sexo masculino, proveniente ao Juizado de Menores, autores de atos anti-sociais, com leves distúrbios de conduta, e ministrar-lhes educação, ensino e aprendizagem profissional”.

Não muito mais se tem de registro sobre e no IPS. Atualmente, o material arquivado não revela com clareza o seu passado. Há fichas com fotos de bebês com menos de um ano de idade em arquivos que não tem a origem definida. O que se sabe é que após a extinção da Escola Quinze, em Quintino, o Instituto passou a ser o mais conhecido órgão destinado à jovens privados de liberdade no Estado do Rio de Janeiro.

1. 5. 6 Colégios

Todas estas unidades de internação por medida e internação provisória, inclusive o CITUAD, possuem unidades escolares da Secretaria de Estado de Educação. Estas escolas estão diretamente subordinadas a um setor específico que é a COESP (Coordenadoria das Escolas Sócio-Educativas e Prisionais), que além de ser responsável pelas escolas do DEGASE, fiscaliza e orienta as escolas do DESIPE (Departamento do Sistema Penitenciário).

Após a estadualização do Sistema Sócio-Educativo e para atender o inciso XI do artigo 124 do ECA, que garante ao adolescente em conflito com a lei privado de liberdade o direito de “receber escolarização e profissionalização”, houve a necessidade de firmar uma parceria com a Secretaria de Estado de Educação a fim de assegurar este direito. Vale ressaltar que o direito assegurado neste caso é da escolarização.

Embora as unidades escolares estejam imediatamente subordinadas a COESP pouco se tem, no âmbito administrativo e oficial, de atendimento diferenciado, específico à realidade e incluyente, pois as escolas obedecem oficialmente às determinações vindas da SEE e que são as mesmas das demais unidades escolares no Estado.

Atualmente são cinco as unidades escolares situadas nas dependências das unidades de internação do DEGASE:

- Colégio Estadual Luiza Mahin – Localizado no Educandário Santos Dumont;
- Colégio Gildo Cândido – Localizado no Educandário Santo Expedito;
- Colégio Jornalista Barbosa Lima Sobrinho – Localizado no CAI-Baixada;
- Colégio Estadual Candeia – Localizado na Escola João Luís Alves e
- Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva – Localizado no Instituto Padre

Severino e com anexo no CITUAD.

1. 5. 7 Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva

As escolas surgiram com a estadualização do Sistema de Atendimento aos adolescentes no Brasil, que no caso do Rio de Janeiro ocorreu no ano de 1994. Antes o ensino era ministrado de maneira informal por educadores e com a implementação da nova política de atendimento a Secretaria de Educação assumiu a responsabilidade de sistematizar o ensino formal nas unidades de internação por medida e internação provisória. Para tal, o referido órgão selecionou professores integrantes do quadro funcional e assegurou assim a escolarização aos internos cumprindo determinação do ECA. O CEPCLS foi oficialmente criado em 1994 e inicialmente trabalhavam agentes contratados pelo DEGASE exercendo a função de professores. Os professores só chegaram ao Colégio no ano de 1998 e ficaram subordinados aos pedagogos do DEGASE. Só em 2002 é que a SEE assume a direção da unidade escolar e agrega ao quadro funcional professores do DEGASE, transferidos da SEE para o DEGASE, contratados e concursados da SEE. O Colégio passou então a funcionar de forma plena e segundo as determinações, diretrizes e normas da Secretaria.

O Colégio atualmente é a única atividade contínua e diária para os adolescentes. Os alunos não possuem cursos profissionalizantes e nem atividades ocupacionais, ou seja, o pouquíssimo ofertado a eles vem por intermédio da escola.

Mesmo sendo a única atividade presente na vida destes jovens a escola depara-se com inúmeros problemas que vão desde a dificuldade de funcionar administrativamente e pedagogicamente para uma realidade alunos que a freqüentam apenas por até quarenta e cinco dias, até travar diariamente conflitos com o próprio Instituto Padre Severino cuja prioridade é, ainda e apenas, assegurar que o adolescente permaneça na Instituição o mais invisível

possível (isto significa que usando o pretexto da segurança e do perigo iminente de rebelião e fuga, além da escola, às vezes nem esta, nada resta a estes jovens).

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Encontrar estudos sobre a relação entre a prática de ato infracional e o nível de escolarização de seus autores, principalmente os que cumprem medida de privação de liberdade, é difícil no Brasil. A escassez de pesquisas pode encontrar diversas causas prováveis: a dificuldade de acesso às unidades de internação (na maioria das vezes, sob o pretexto da preservação dos direitos do adolescente), a carência em referenciais que abordem o tema, a escassez de dados ou a falta de interesse dos pesquisadores pelo assunto.

O que de fato constituirá este capítulo são as análises de publicações em periódicos e pequenos trechos de livros que tratam de assuntos relacionados à temática. Cabe aqui esclarecer que consideramos como assunto relacionado ao tema tudo aquilo, independente do campo (sociologia, psicologia, educação, filosofia) que aborda adolescente em conflito com a lei, prioritariamente do sexo masculino, no âmbito educacional, principalmente o que considera ou não a escola como instituição que contribui para prevenção da prática de ato infracional.

Diversos estudos possuem como tema adolescentes cumprindo medida sócio-educativa diferente da internação. Estes serão mencionados, pois muitos dos jovens priorizados nas pesquisas passaram por unidades de internação. É relevante destacar que embora, no Brasil, já tenham sido “abolidos” os termos delinqüência, infratores e haja uma forte tendência a classificá-los, os de internação, como “privados de liberdade” e que os termos “pena” e “crime” não possam ser aplicados a tal público (por serem inimputáveis) ainda sim, aqui, serão utilizados tendo em vista o vocabulário empregado nos estudos. Outro vocábulo presente nos estudos e que será utilizado é a violência quando trata de explicar o comportamento empregado pelo delinqüente ao infringir uma lei penal, ou seja, ao cometer um crime.

2. 1 HISTÓRIA, ESCOLA E PREVENÇÃO CONTRA O CRIME

2. 1. 1 Seguindo as pistas: origem do pensamento sobre a escola como prevenção à criminalidade

Freqüentemente escutamos expressões como: “Aquele que abre uma porta de escola, fecha uma prisão” (Victor Hugo): “Reformemos as nossas escolas, e não teremos que reformar grande coisa nas nossas prisões” (John Ruskin) e “Eduque as crianças e não será preciso punir os homens.” (Pitágoras). Estas frases são faladas, com estas ou outras palavras, cotidianamente por governantes, representantes políticos, educadores, pais e sociedade geral. Elas resumem a idéia de que a educação sistemática é uma dimensão social determinante na prevenção do ato infracional seja pelas possibilidades futuras que a escola ofertará ao seu público, seja pela proteção do jovem durante a permanência no espaço escolar, afastado dos perigos que o cercam, seja pelos efeitos socializadores/moralizadores operados pela escola.

Outro lema que agrega a idéia da prevenção da criminalidade pela escola é “Escolas cheias, cadeias vazias” que também é título do estudo de Patto (2007). A autora esclarece que o discurso da escola com instrumento de controle social, no Brasil, vem desde o século XVIII quando o interesse era de manter a colônia obediente a Portugal. É durante o séc. XIX que o lema “Escolas cheias, cadeias vazias” surge resumindo toda a expectativa que políticos, intelectuais e educadores lançam sobre a instituição escolar, especialmente no modelo europeu de sistema de ensino nacional, em virtude dos problemas sociais (aumento do índice de práticas criminosas e insurreições por parte de populares) em função de fatores como: a industrialização, o inchaço dos centros urbanos e a falta de perspectivas da população pobre e recém libertada da escravidão. Segundo Moacyr (apud Patto, 2007, p.4) no ano de 1879 é

promulgado um decreto que claramente expressa o pensamento vigente sobre o papel da escola “aquilo que o Estado despense com as escolas poupa em maior escala com asilos, hospitais e cadeias”.

Patto (2007) destaca ainda o papel de Rui Barbosa como articulador da reforma no sistema educacional brasileiro. Influenciado pelos pensamentos de políticos e intelectuais da Europa e dos Estados Unidos e favorável aos ideais Positivistas de controle e ordem social - para se alcançar o tão almejado progresso - seria através da nova educação que o Estado conseguiria docilizar o povo. O controle seria exercido não só pela permanência, que poderia ser imposta através da força, dos alunos no espaço escolar, mas através do ensino de matérias que também tinham por objetivo:

inculcar aos meninos o amor ao dever, a idéia de trabalho, da atividade, da frugalidade, do bom emprego do tempo, da probidade, da sinceridade absoluta, do *self-control*, do acatamento dos direitos do próximo, da obediência devida à lei, da decência, da morigeração, da pureza e polidez da linguagem, da lealdade, da caridade, do amor da pátria. (Barbosa, 1947 apud Patto, 2007, p. 7)

Outro momento que ilustra o pensamento acerca da importância da escola na prevenção e combate à criminalidade e que perdura até os dias atuais é quando Rui Barbosa conclui com a seguinte passagem:

antes assalariar o mestre-escola do que o oficial de polícia; este protege a minha fazenda; o outro ensina a respeitá-la. Previnamos o mal: é melhor do que ter de reprimi-lo. (Barbosa, 1947 apud Patto, 2007, p. 7)

No início do séc. XX, especificamente nas leis e projetos que regem a área da Educação em instituições (patronatos, abrigos e escolas premunitórias e reformatórias) destinadas às crianças, segundo denominação da época, vítimas de abandono, órfãs, delinquentes e com anomalias, as considerações para o ensino ainda seguiam os modelos europeu e norte americano e tinham como proposta a manutenção da harmonia, o controle da sociedade e prevenção da criminalidade.

Considerando que na Europa, na America do Norte e no proprio continente a materia carinhosa e inteligentemente estudada, tem produzido optimos fructos;

Considerando, finalmente, que não permittindo o momento financeiro resolver, como fôra para desejar, de modo completo, o problema, se pôde, ao menos, aperfeiçoar o serviço existente, modificando o plano de ensino da Escola Quinze de Novembro, cujo destino é velar sobre os menores que pelo abandono ou miseria dos paes vivem ás soltas e expostos a imprudencias e transgressões proprias da sua idade.(PROJETO N. 322 DE 1912)

Considerando que o ensino profissionnal tornará cada vez mais fructuosa a producção agro-pecuaria, ao mesmo passo que concorrerá para restabelecer o equilibrio entre a população das cidades e a população dos campos, necessário pela fascinação que as grandes capitaes soem exercer no espirito da mocidade desaparelhada para o exercicio de qualquer emprego ou actividade honesta;Considerando, mais, que é dever do Governo contribuir para augmentar a população rural e formar o verdadeiro agricultor brasileiro, aproveitando e treinado como factor de riqueza e elemento nacional;

Considerando, finalmente, ser ao mesmo tempo obra de previsão social e economia empregar na formação do gremio rural, donde ha de promanar o engrandecimento real futuro do paiz, os menores abandonados ou sem meios de subsistencia por falta de occupação legitima; (DECRETO N. 12.893 - DE 28 DE FEVEREIRO DE 1919)

2. 1. 2 Na continuação da história: o que revelam os estudos sobre a escolarização dos adolescentes em conflito com a lei?

Ainda, atualmente, os estudos no Brasil que se propõem a traçar o perfil destes adolescentes ou até mesmo as políticas públicas para estes jovens sempre destacam o papel primordial da escola como instituição social que contribui ou que deveria contribuir para a redução de atos infracionais.

No grupo dos estudos que delineiam o perfil dos adolescentes encontra-se a pesquisa de Assis e Souza (1999) que é parte de uma pesquisa sobre os fatores de prevenção da “delinqüência” realizada com jovens infratores do Rio de Janeiro e de Recife e seus irmãos que não cometeram atos infracionais. Este estudo usa como modelo teórico a obra *Teorias da*

Delinqüência. Na análise da justificativa da conduta delinqüente de Schomaker (apud Assis e Souza, 1999) no qual o autor tenta explicar a origem da conduta criminosa do jovem a partir de três níveis: estrutural, sócio-psicológico e individual. É no segundo nível, sócio-psicológico, que se encontram, segundo o autor, os estímulos mais significativos à delinqüência e onde se situam as instituições família, igreja e, obviamente, a escola. Ou seja, se o controle, palavra que aparece em todos os estudos, exercido pelas instituições sociais falha, a conduta resultante poderá ser a prática de ato ilícito. Este nível agrega também outra possibilidade, a dos pares destes jovens, relações que podem ter sido estabelecidas nos espaços destas instituições, também se tornarem influências.

Ao realizarem as entrevistas, as autoras que usaram a escolaridade como uma das variáveis concluíram que os delinquentes tem baixo nível escolar e que entre os não delinquentes, embora não seja elevado, ainda sim este nível é maior que dos seus irmãos infratores. Elas ainda constataram que nenhum infrator havia conseguido chegar ao Ensino Médio e que cinco de seus irmãos já tinham alcançado a fase mencionada. Ainda sobre a escola destacaram que

Mais de 70% de todos os jovens entrevistados já tinham abandonado os estudos no momento da entrevista. O principal motivo alegado foi a necessidade de trabalhar e a dificuldade de conciliar escola com trabalho, seguido pelo desentendimento com professores e colegas, incluindo agressão física. A dificuldade da supervisão familiar, no que se refere à frequência escolar do jovem, ficou evidente. (Assis e Souza, 1999, p. 3)

Especificamente sobre a escola, Assis e Constantino (2005) relatam que a maioria dos jovens infratores estava fora da escola, havia defasagem significativa entre idade série e afirmam que

Problemas *escolares* também contribuem para a entrada no mundo infrator. Adolescentes em conflito com a lei tendem a ter poucos anos de estudo, com abandono escolar secundário dada a necessidade de trabalhar, dificuldade de conciliar escola com trabalho, desentendimento com professores e colegas, desestímulo quanto à competência escolar atestado por reprovações repetidas, baixa qualidade do ensino, pouca supervisão familiar no que se refere à frequência escolar do jovem. (Assis e Constantino, 2005, p.8)

E, de maneira geral, consideraram o atendimento dado ao adolescente e às suas famílias pelos sistemas de segurança e judiciário como precário, pois não consegue atingir resultados satisfatórios na prevenção dos atos infracionais. Curiosamente destacam como avanço dos sistemas a escolarização nas unidades de internação. Quase a totalidade das instituições, em 2002, tinha Ensino Fundamental e mais da metade Ensino Médio. Logo em seguida, destacam que ainda existem aspectos nestas unidades escolares a serem considerados: a dificuldade nas relações entre a unidade escolar e a unidade de internação, a qualidade e metodologia do ensino, o profissional que atua nas escolas e a relação escola-adolescente.

Na recente pesquisa de Gallo e Willians (2008) é traçado o perfil de adolescentes, de ambos os sexos, que cumprem medidas sócio-educativas em meio aberto e são assistidos por uma ONG. Segundo os autores, após análise dos prontuários destes adolescentes concluiu-se que aos jovens que não freqüentavam a escola registraram índices maiores de reincidência, uso de drogas e emprego de armas de fogo. Aqueles com maior escolarização viviam com ambos os pais e cometeram infrações análogas a crimes menos graves. Enquanto que os jovens que tinham menor escolarização viviam em famílias monoparentais (em geral, chefiadas pela mãe) e cometeram atos infracionais mais graves.

O estudo também associa a freqüência a cursos profissionalizantes nas unidades sócio-educativas à escola. Aqueles que não cursam o ensino profissionalizante são também os que não cursam a escola formal.

Os autores fizeram também um comparativo entre as medidas sócio-educativas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à Comunidade em cumprimento no momento da pesquisa. Os adolescentes com maior escolarização cumpriam, em sua maioria, a medida menos severa (Prestação de Serviço à Comunidade). Já aqueles com menor escolarização

cumpriam a mais severa, Liberdade Assistida, e, conseqüentemente, foram os que mais reincidiram e foram privados de liberdade em algum momento.

Nas conclusões os autores além de confirmar que o menor nível de escolarização é um fator criminogênico extremamente relevante apontam que este problema está sempre atrelado a outras variáveis (famílias monoparentais, uso de drogas, escolas exclusivas, professores despreparados) que devem ser consideradas para que se obtenha êxito na recuperação e na diminuição deste público.

Outro estudo que trata dos fatores que tornam as famílias vulneráveis à exclusão social e, portanto, seus jovens mais suscetíveis a “criminalidade” é o de Feijó e Assis (2004). A pesquisa faz uma análise das características das famílias e das relações estabelecidas no âmbito familiar dos adolescentes em conflito com a lei. Nele, mais uma vez, a educação escolar aparece como variável condicionante da conduta infracional através da segregação cultural ou da étnica (o indivíduo passa a crer que é inferior ou incapaz impedindo, também, que participe de forma plena da escola). Ainda em relação à escola, é esta instituição colocada como principal meio de se conseguir inserção social pelo mercado de trabalho. As autoras explicam a importância da vinculação com o mercado de trabalho, conseqüência do atrelamento com a escola, para a inclusão social dos indivíduos através da teoria de Castel (apud Feijó e Assis, 2004) em que o autor classifica mais vulnerável aquele não inserido pelo trabalho. O autor explica ainda que o excluído pelo trabalho está mais fragilizado do que aquele com problemas no “eixo sócio-familiar”.

É importante ressaltar que a referida publicação também assinala a “ausência” ou pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos através de atitudes como a falta de vigilância sobre a freqüência às aulas e consentimento para que os filhos não estivessem nas escolas. A pesquisa mostrou ainda uma tendência dos filhos em repetir as trajetórias e atitudes

dos pais fato este que também explica todos os jovens estarem fora da escola já que os empregos dos pais também indicam que estes têm baixa escolarização.

... a escolaridade dos pais e das mães desses adolescentes é bastante baixa. Os irmãos apresentam uma escolaridade pouco maior que os infratores, em virtude destes serem, em sua grande maioria, mais velhos, tendo tido oportunidade de conviver com o pai e ter a supervisão da mãe, como foi constatado nas entrevistas com os irmãos, na pesquisa-mãe. Poderíamos, talvez, depreender deste fato que os adolescentes teriam, por sua vez, uma baixa escolaridade, em função do exemplo fornecido pelos provedores. (Feijó e Assis, 2004, p. 4)

Em outra recente publicação Costa e Assis (2006) destacam a falta de instrumentos e atendimentos eficazes a este momento para a vida deles e que dêem oportunidades de mudanças das variáveis que os fragilizam. As autoras enfatizam três fatores fundamentais para promover o sucesso destes adolescentes e que perpassam o espaço da escola, seja através do conhecimento adquirido, das relações e vivências que nela se estabelecem:

fortalecimento de vínculos, autonomia e projeto de vida pode resultar na aquisição de outros importantes recursos para que adolescentes em situação de risco social desenvolvam a capacidade de resistir à destruição e a capacidade para se reconstruir, que constituem os dois componentes básicos da resiliência. (Costa e Assis, 2006, p.5)

O estudo de Priuli e Moraes (2007) traça o perfil sócio-econômico, a partir dos prontuários, de jovens acautelados em uma unidade da antiga FEBEM, atual Fundação Casa, em São José do Rio Preto. Através dele encontramos a ratificação das características apontadas na maioria da literatura a respeito deste público:

ensino fundamental incompleto, evadido da escola, sem trabalho e residente na ... de menor poder socioeconômico. A infração de maior percentual foi roubo, seguida de furto,... A maioria usava tabaco, maconha, álcool, crack;... Detectou-se realidade precária de familiares com baixo nível de renda, escolaridade, profissão e abuso de álcool, contribuindo para transformar os adolescentes em vítimas. A maioria das mães, provedora do lar, principal figura na internação e mediadora entre o adolescente, o poder judiciário e a comunidade. (Priuli e Moraes, 2007, p. 7)

Em relação à escolaridade mais uma vez foi reafirmada a proposição de que quase a totalidade encontra-se fora da escola e que a maior parte não possui Ensino Fundamental

completo. Outra conclusão que pode ser usada como fator criminogênico é o dos pais e seus pares terem um nível baixíssimo de escolarização e, conseqüentemente por não terem especialização, empregos de baixa remuneração.

Importantes também são os estudos cujos focos são as considerações sobre a criminalidade praticada por não jovens. Pesquisar a criminalidade adulta é entender a trajetória de vida desses indivíduos que foram adolescentes e, muitas vezes, foi neste momento que começaram a se envolver com a prática de atos ilícitos.

No dossiê de Marino (2002) são identificadas as prováveis causas para reincidência de crimes a partir das variáveis sócio-econômicas, da modalidade do crime e das características das prisões. No que diz respeito à escola o autor constata o aumento da escolarização da população carcerária através da diminuição dos analfabetos e daqueles com Ensino Fundamental incompleto e aumento dos que tem completo e Ensino Médio. Mas, Mariño acrescenta que este fato pode ligar-se ao recidivismo criminal seja através da escolarização dentro da prisão ou quando não são ainda apenados.

2. 1. 3 Estudos atuais que apontam a escola como aliada na prevenção da criminalidade

Embora Cano (2006) tenha publicado um estudo com foco principal nas atuações e propostas das polícias e agentes de segurança das diversas esferas públicas não deixou de considerar a educação como fator de “prevenção social”. O autor prescreve políticas para ação em relação à escola:

projetos educativos, para aumentar a escolaridade dos jovens e evitar a evasão escolar, aumentando assim suas opções profissionais e pessoais; projetos de formação profissional para os jovens, com a mesma finalidade; ... projetos culturais e recreativos dirigidos à juventude. Um exemplo são as atividades culturais organizadas nas escolas depois das aulas.(Cano, 2006)

O já mencionado artigo de Assis e Souza (1999) descreve resultados de estudos de outros países sobre o tema por serem escassas as pesquisas no Brasil. Mesmo fazendo uma síntese das propostas de prevenção encontramos, com denominações diversificadas, a intervenção da e na escola como estratégia em todos os referenciais: suprimento de oportunidade para Spergel e Curry (apud Assis e Souza, 1999); contextual de Goldstein e Huff (apud Assis e Souza, 1999); para Difoos (apud Assis e Souza, 1999) como ambiente privilegiado na precaução de conduta ilícita; como suporte da família para Wilson e Howell (apud Assis e Souza, 1999); e ao resumirem em itens as propostas dos estudiosos relacionam a escola mais de uma vez

3) oferecer alternativas para o envolvimento dos jovens das gangues, como programas recreacionais, eventos escolares, trabalho; 4) deve ser conduzido nas próprias comunidades dos jovens, envolvendo as famílias e a escola;... 6) procurar associar-se ao mundo do trabalho, propiciando oportunidades de treinamento profissional e emprego; 7) seus objetivos devem ser específicos e resultar em alguma forma oficial de sucesso, como por exemplo, um diploma; (Assis e Souza, 1999, p.8)

Na pesquisa, já mencionada e mais atual, Assis e Constantino (2005) traçam o panorama nacional da situação dos jovens em privação de liberdade bem como das estratégias de prevenção de atos infracionais. Nesta pesquisa as autoras retomam a variável educação, ou melhor, “falta de qualidade de ensino” como fator influente na prática de infração. Elas destacam também as diferentes estratégias de outros países para a solução do problema (mostram a tendência a maior investimento nas polícias, aumento de número de prisões, do que em programas de prevenção ao uso de drogas e à violência). Ao fazerem uma linha do tempo das políticas de prevenção, delinearam que até a década de 60 do séc. XX investiu-se no “tratamento e reabilitação de adolescentes” buscando “valorizar o potencial de modificação do comportamento e da adaptação social”. Até os anos 90 se priorizou a repressão. Nos anos 90 retoma-se a “reabilitação” com novos programas de prevenção e diferentes referenciais e metodologias.

As autoras elegem como boas estratégias as que resultam de estudos de pesquisadores, em sua maioria, estrangeiros. Algumas delas propõem intervenções diretas (centradas na escola) e indiretas (em algum momento perpassam pela escola) em diversos aspectos das escolas. São elas: inserção desde a pré-escola para famílias em situação de risco (resultado: nível maior de inteligência e participação na escola) e programas de prevenção de crimes e violência nas escolas

Visam prover estimulação intelectual, aumentar as habilidades cognitivas e aumentar o sucesso acadêmico futuro. Estudos com essa finalidade mostram consistência nos bons resultados de sucesso escolar, fator de risco importante para a delinquência. (Assis e Constantino, 2005, p.6)

Nas considerações finais do estudo destacam ainda a importância de não se focar só no momento em que o adolescente cometeu a infração, mas na infância e enfrentando os múltiplos fatores que levam o jovem, de família em situação de risco social, a cometer o delito.

2. 1. 4 Considerações finais sobre o sistema público de ensino atual no Brasil e escolarização do autor de ato infracional

Patto (2007), ao revelar que a origem do pensamento educacional atual é da época da Primeira República, propõe uma mudança no campo educacional e nas suas ações. Segundo a autora tal refrão encontra-se totalmente fora de contexto, pois a escola pública, a das classes mais desfavorecidas, não consegue, salvo às exceções, oferecer oportunidades para seus frequentadores. Fato este já percebido pela sociedade e denunciado pelo baixo nível de aprendizagem dos alunos. A autora destaca a total falta de produtividade do Ensino Fundamental e Médio mascarada muitas vezes pela presença de programas assistencialistas que elevam as taxas de matrícula e frequência, mas não oferecem formação intelectual adequada. Ainda em seu artigo explica que

Mais de cem anos depois, a continuidade desses mitos sobre o povo e sobre a função social da escola é prova impressionante da força do preconceito, que resiste ao conhecimento alcançado a respeito da complexidade dos determinantes do crime e da própria criminalização das condutas de pobres e negros como prática de natureza política. Na atual conjuntura de desemprego e de permanência da barbárie que sempre marcou a relação de classes no país, está aberta a porta à destituição da escola como instituição de ensino e à transformação dela em lugar de detenção maquiada dos filhos dos pobres e de violência sem precedentes. (Patto, 2007, p.14)

Assis e Souza (1999) concluem que a escola, em alguns casos, não só proporcionou o envolvimento destes jovens com atos ilícitos (na maioria das vezes através de más influências) como, na maioria das vezes não conseguiu “atrair” os adolescentes. Finalmente, encerram suas conclusões sobre a instituição com as seguintes palavras:

Fica clara, no presente estudo, a precária vinculação que se estabelece entre essa instituição e seus educadores e o adolescente. Também é falho seu papel na disseminação dos conteúdos educacionais formais e como formadora dos princípios éticos e morais. Para a maioria dos entrevistados fracassou como instituição de formação para a vida cidadã. (Assis e Souza, 1999, p. 13)

Gallo e Williams (2008) ainda destacaram que a maior parte dos jovens não freqüentava mais a escola e atribuíram isto a problemas surgidos dentro do próprio espaço escolar (desinteresse, conflitos, falta de aulas) e que fornecem indícios da dificuldade da unidade escolar em conservar os adolescentes nela. Foi assinalada também a dificuldade das escolas em realizar a matrícula dos adolescentes em medida sócio-educativa sob à justificativa de que tais jovens causaram ou podem causar problemas.

No estudo de Chesnais (1999) são feitas análises do panorama social brasileiro em função dos problemas que levam à disseminação da violência e recomendações para a prevenção. Há destaque especial para a escola como instituição social que reflete o descaso do Estado e no item de indicações das variáveis determinantes para a não prática de crimes.

Para o autor a instituição escolar, mais especificamente o sistema público como fator de prevenção e repressão à criminalidade no Brasil tem falhado. Ele aponta como causas o

ingresso tardio na escola (quando há, pois muitas vezes as crianças não frequentam), a ausência da transmissão de conhecimentos, falta de estratégias para que o adolescente permaneça mais tempo no espaço escolar e, algumas vezes, a permissividade com o uso de drogas.

Segundo ele, para ter uma atuação eficaz a instituição deveria além de proporcionar conhecimento intelectual propiciar elementos para desenvolvimento da cidadania e profissional. Chesnais afirma ainda que “A violência é fruto, mais da ignorância, que da pobreza”.

2. 2 AS TEORIAS ATUAIS DA PREVENÇÃO DA CRIMINALIDADE ATRAVÉS DA ESCOLA

Considerando que no Brasil são, atualmente, duas as teorias (Controle Social e Aprendizado Social) mais usadas pelos pesquisadores como referenciais teóricos para explicar a delinqüência juvenil, tema que para nós refere-se aos adolescentes em conflito com a lei, ainda assim é importante destacar o que tem sido publicado, ainda que não utilizem os nomes, mas os conceitos destas teorias. O que de fato se encontra é número reduzido de estudos que se aprofundem na escolarização, principalmente na trajetória escolar, do autor de ato infracional ou que tenha comparação de dados sobre a escolaridade deste público no tempo. Por isso, tudo de significativo encontrado que de alguma forma agregue os conceitos de prevenção da “criminalidade” através da escola e da escolarização dos jovens em conflito com a lei foi considerado. Além destes, foi relevante também colocar em uma pequena parte, os estudos que falassem de crimes cometidos por adultos, pois é sinalizado que muitos destes cometeram algum ato ilícito quando jovens. O que de mais instigante se tem é a Teoria da Tensão Geral (General Strain Theory), ainda não muito difundida no Brasil e evolução da

Teoria da Anomia,, que fornece indícios para explicar a prática de atos infracionais a partir do nível sócio-psicológico dos indivíduos.

2. 2. 1 Estudos gerais sobre criminalidade e reincidência

São bem diversificados no mundo e no Brasil os estudos sobre os fatores criminogênicos. As pesquisas que se propõem a fazer análise histórica dos referenciais teóricos apontam como as causas da criminalidade desde motivações individuais, intencionais nos níveis social, psicológico e genético a motivações não intencionais também contemplando em tais níveis . As teorias são muitas, desde as que se pautam nos aspectos físicos, genéticos e patológicos até as que consideram a vida e as condições e relações sócio-econômicas dos indivíduos, seus familiares e pares. Mais uma vez, destacar-se-ão as mais significativas e que envolvem, direta ou indiretamente, “delinqüência juvenil” e escola.

A Teoria da Anomia foi elaborada inicialmente por Merton (apud Baratta, 2002, p.62) e consta como uma das mais antigas no campo da Sociologia. Merton baseou-se em Durkheim ao afirmar que o crime era um fato social inerente a qualquer sociedade e ao opor-se a concepção do crime como algo patológico. De acordo com este referencial a motivação para a delinqüência seria resultado do insucesso no alcance dos objetivos e da falta de integração com instituições sociais, no inconformismo com as regras impostas ou com a própria condição de vida. A fim de atingir as metas objetivadas o indivíduo acabaria por cometer um crime. Inicialmente conseguia explicar porque, por exemplo, a maioria da população carcerária, ou autores de crimes, eram das classes socialmente ou economicamente menos favorecidas ou excluídas (pobres e negros). Mas, não conseguia justificar, por exemplo, porque pessoas pertencentes a grupos sociais mais privilegiados se envolviam em

crimes. A esta teoria foram incorporadas outras variáveis por Agnew e o seu desenvolvimento é atualmente conhecido por Teoria da Tensão Geral.

A teoria da Desorganização Social, inicialmente elaborada por Shaw e MacKay (apud Cerqueira e Lobão, 2004, p.5) num estudo sobre jovens delinquentes nas áreas urbanas de Chicago, tem seu foco nos sistemas de organização, formais e informais, que contribuem no processo de aprendizagem e interiorização de normas e valores da pessoa e, como se trata de desorganização, na ineficácia do controle social na manutenção da ordem por parte desse sistema. Os grupos de jovens, geralmente pobres e negros, sem ou com pouca supervisão são foco desta teoria. Cano e Soares (2002) destacam ainda que neste estudo chegou-se a conclusão de que a delinquência de adolescentes e jovens adultos é mais fruto da associação com outros (pares) do que decisão individual. A prática criminosa fruto da desorganização social, conforme apresentada por McCarthy e Hagan (apud Cano e Soares, 2002), explica que o ato ilícito está relacionado, de forma geral ou específica, à uma variável determinante para não ou precária inclusão social (baixa escolaridade). Na teoria da desorganização social, o crime é colocado como resultado da falha no controle social sob responsabilidade de instituições como a escola. Nela a escola é causa direta, fator criminogênico. Justificam a importância da educação escolar, pois nesse espaço oferecem-se condições para um futuro melhor pessoal, e dos pais através do conhecimento, proteção física e psicológica do indivíduo em face dos perigos que o cerca na sociedade. Desta forma chegam-se às seguintes conclusões, dentre outras, sobre a falha da escola como instituição de prevenção: oferecer pares que influenciem de forma negativa, não oferecer perspectivas para um futuro promissor, ser um espaço desagradável que faça com que o aluno evada.

A Teoria Interacional também agrega um número significativo de variáveis tendo em vista que explica a delinquência como resultado dinâmico de causas e consequências das relações entre fatores e processos sociais. Entorf e Spengler (apud Cerqueira e Lobão, 2004,

p.5) explicam que para esta conjectura o criminoso e o crime estão relacionados em uma linha do tempo (cujo início do crime se dá no início da adolescência, o desenvolvimento no final e o término na fase adulta) e são frutos de “efeitos recíprocos” (notas, envolvimento escolar, grupos de amigos).

Outro estudo bem interessante para explicar as causas da violência, é o do Modelo Ecológico que foi elaborada por Moser e Shrader (1999), inspirada no ensinamento do desenvolvimento humano elaborado por Bronfenbrenner (apud Moser e Shrader, 1999), e no qual se pode dispor a escola em diferentes níveis. Tal Modelo explica como a causa da criminalidade geral e de gangues, respectivamente representada nas Figuras 4 e 5, a integração mútua entre os diferentes níveis e suas variáveis.

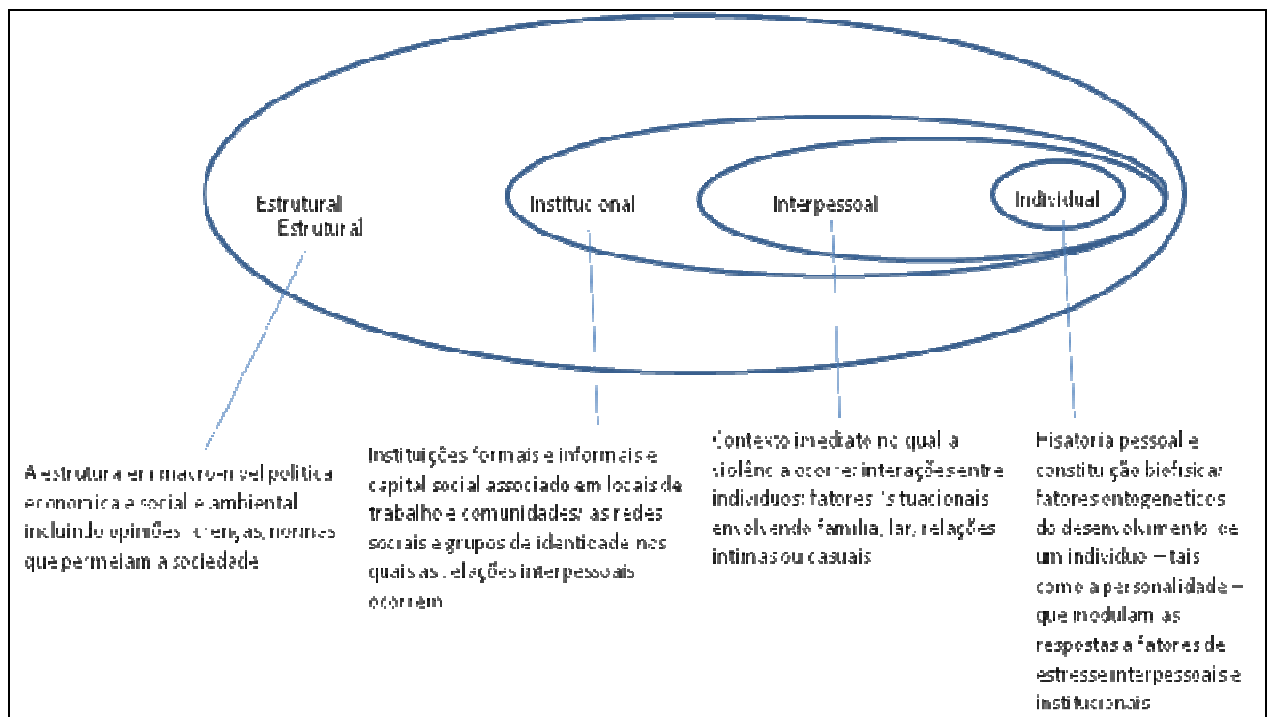


FIGURA 4 Níveis e variáveis, segundo Modelo Ecológico, que explicam a prática do crime pelos indivíduos.

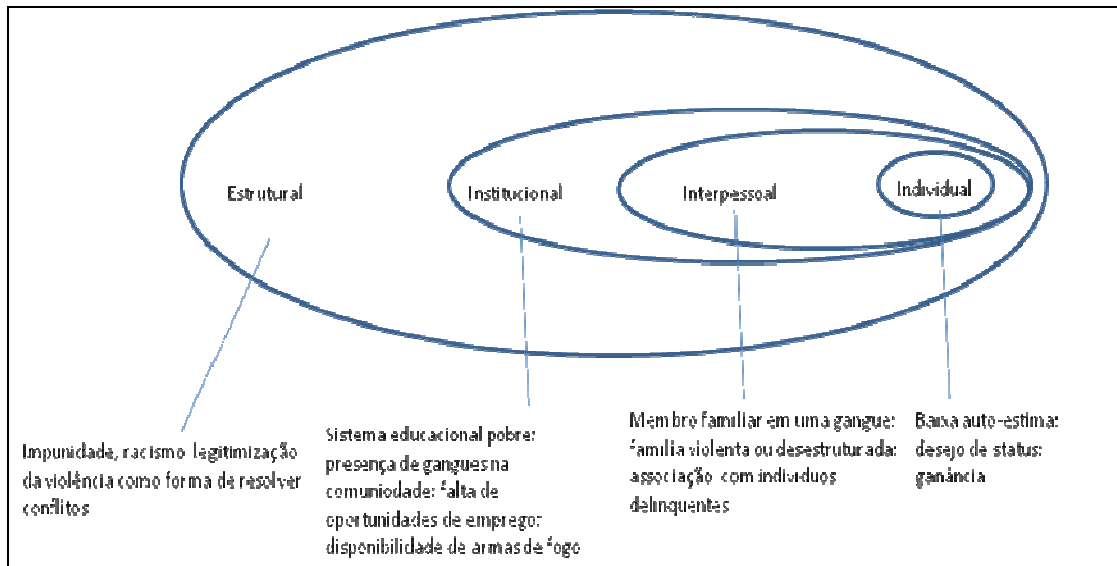


FIGURA 5 Níveis e variáveis, segundo Modelo Ecológico, que explicam a prática do crime pelas gangues.

Segundo Fleisher, 1966; Fajnzylber *et al*, 1998 (apud Cano e Soares, 2002), no modelo do *homo economicus* ou teoria da maximização do lucro, a desigualdade é apontada como variável a ser considerada, pois a fim de ser obter lucros, retorno financeiro, acima do que obteria normalmente no emprego que tem, o indivíduo acaba por cometer crimes. Sabe-se que uma das causas da desigualdade apontada pelos especialistas é falta ou baixa escolarização, pois não cria oportunidades para o indivíduo inserir-se de forma satisfatória no mercado de trabalho.

2. 2. 2 Teoria do Aprendizado Social, do Controle Social e da Tensão Geral

Outro estudo significativo é o da teoria da Associação Diferencial ou Aprendizado Social elaborada por Sutherland (1939, apud Cerqueira e Lobão, 2004) na qual os adolescentes seriam influenciados por fatores mensurados através da variável “determinação favorável ao crime (DEF)” e do conhecimento em métodos e técnicas criminosas. Ou seja, um indivíduo que vive em um ambiente ilícito pode interiorizar valores que levem a prática de

crimes da mesma maneira que uma pessoa de um meio social lícito se apodera de valores condizentes com o espaço em que vive. Logo a DEF seria, por exemplo, resultado de:

grau de supervisão familiar; intensidade de coesão nos grupos de amizade; existência de amigos que foram, em algum momento, pegos pela polícia; percepção dos jovens acerca de outros jovens na vizinhança que se envolvem em problemas (CERQUEIRA e LOBÃO, 2004)

Já na teoria do Controle Social elaborada por Hirschi (apud Assis e Souza, 1999) a delinqüência é explicada a partir da falta ou mau elo do jovem com as instituições sociais. Schoemaker (apud Assis e Souza, 1999) situa a origem da conduta criminosa no nível sócio-psicológico onde se encontram, segundo o autor, os estímulos mais significativos a delinqüência e as instituições família, igreja e, obviamente, a escola. Ou seja, se o controle, palavra que aparece em todos estudos, exercido pelas instituições sociais falha, a conduta resultante poderá ser a prática de ato ilícito. Este nível agrega também outra possibilidade, a dos pares destes jovens, relações que podem ter sido estabelecidas nos espaços destas instituições, também se tornarem influências. Procura-se explicar quais variáveis levam os indivíduos a não se tornarem criminosos a partir de maior vínculo, participação e aceitação das regras sociais. Das variáveis mensuradas, segundo quadro de Entorf e Spengler (2002 apud Cerqueira e Lobão, 2004) as que mais se relacionam às instituições de ensino são: “ligação escolar” (qual o tipo de elo estabelecido entre os alunos e o espaço escolar) e “compromisso” (considerações sobre o desempenho do aluno). E também servem na aferição e mensuração da teoria de Autocontrole em que aqueles que praticam atos criminosos não teriam tido a oportunidade de elaborar domínio sobre suas atitudes.

Para Agnew (1992) a Teoria da Tensão Social, cujo foco é os adolescentes e que explica a maior parte dos atos infracionais, ainda é pouca explorada e os autores tendem a considerar mais significativas a do Aprendizado Social/Associação Diferencial e a do Controle Social. No estudo ele propõe que alguns aspectos desta teoria sejam revistos a fim de

se obter melhores explicações sobre delinquência. Destaca ainda que novas contribuições têm sido dadas pelos estudos nas áreas de Sociologia Médica e Psicologia.

A teoria gira em torno do nível social-psicológico focando o indivíduo e o meio social. Nestes aspectos distingui-se do Aprendizado Social e do Controle Social, pois considera o tipo de relação social (centra nas relações negativas, em que o indivíduo não é tratado como gostaria) que conduz para a delinquência e a motivação.

A Teoria da Tensão Geral difere das outras, porque foca nas relações negativas (negativo no sentido de ser tudo que possa gerar conflito, crise) dos indivíduos. Já a Teoria do Controle Social centra na ausência de relações significativas (o adolescente não tem ou é frágil o vínculo com familiares, pares, instituições que podem também não fiscalizar e evitar desvios; o adolescente tem pouco ou nenhum investimento por parte da sociedade e o adolescente não internalizou valores e convicções) e a da Associação Diferencial parte das relações positivas com fatores desviantes de conduta correta (reforçam delinquência, valores negativos).

Outro aspecto que a torna diferente dos outros referenciais é colocar o estado emocional, a raiva ou outras emoções negativas, como variável (o indivíduo passa a usar caminhos ilícitos para realizar o que pretende, atacar para escapar do que o contraria e até fazer uso de drogas) enquanto na Teoria de controle há negação de pressão emocional (pelo contrário, as relações e instituições de controle libertam o indivíduo de relações negativas) e na da Aprendizagem Social o adolescente comete atos ilícitos, pois o grupo considera isto comportamento adequado.

Então, enquanto a Teoria da Tensão Geral vê a delinquência como consequência das relações negativas (nas quais se trata o indivíduo de forma que ele não gostaria de ser tratado) e de pressão psicológica, a da Aprendizagem Social e Controle, respectivamente, como

resultante de relações positivas (comportamento aceitável)/vontade e ausência de relações/tendência.

Quanto às relações negativas, sobre os adolescentes, já se sabe que não se trata apenas de bloquear as possibilidades para alcançar metas financeiras futuras, mas de não se ter popularidade, notas boas, ser um bom praticante de esporte, compleição física, “personalidade” (é o que os teóricos classificam como metas imediatas da “subcultura da juventude”). Não se trata apenas de não alcançar metas, mas de não saber lidar com as situações de frustração, ressentimento, raiva, descontentamento, decepção, infelicidade ou que geram sentimentos negativos. A Teoria também aponta a alternativa de indivíduos recorrerem à delinquência a fim de sanarem as frustrações relativas às injustiças (buscarem a equidade, conceito de “equidade com o mundo”). Por exemplo, roubam para aumentarem seus “êxitos” ou diminuírem os dos outros. A equidade ajuda a construir a teoria da Tensão não só porque o indivíduo estaria em busca de sucesso financeiro ou prestígio ao cometer um crime, e sim de interação, de maior aceitação dos resultados e de processo de comparação social.

São, basicamente, três as fontes de tensão que embora distintas se sobrepõem:

- Em relação ao fracasso no alcance de metas a delinquência, esse é muito mais fruto de expectativas (resultados esperados) e realizações do que de aspirações (resultados ideais). Uma maneira de mensurar isto é perguntar em relação aos objetivos, metas positivas se atualmente eles alcançam resultados ideais, esperados ou justos.
- A remoção de estímulos positivamente avaliados do indivíduo (perda de namorada, a morte ou doença séria de um amigo, mudança de escola, o divórcio / separação dos pais, suspensão de escola, e a presença de condições adversas no

trabalho) pode explicar a delinqüência (através do estresse, da depressão, busca por vingança, tentativa de não perder ou recuperar).

- A inabilidade do adolescente em escapar dos estímulos nocivos condicionais (castigo físico, abuso sexual negligenciado, relações negativas com pais e semelhantes, experiências escolares negativas, ameaças verbais e insultos) e incondicionais (dor física, odores desagradáveis, barulho, calor, poluição de ar) gera, por exemplo, raiva que pode explicar a delinqüência.

Um mesmo fato pode agregar-se aos tipos de tensão acima mencionados:

So, for example, the insults of a teacher may be experienced as adverse. Because they (1) interfere with the adolescent's aspirations for academic success, (2) result in the violation of a distributive justice rule such as equity, and (3) are conditioned negative stimuli and so are experienced as noxious in and of themselves. (Agnew, 1992, p.15)

Aos tipos de Tensão vinculam-se emoções negativas como depressão, decepção, medo. Porém, é a raiva o principal motivador para a vingança e, conseqüentemente, para a delinqüência.

A Teoria foi aumentada por Agnew (2002) ao “incorporar”, por exemplo, também como variável os “traços da personalidade” tendo em vista que os indivíduos não respondem de forma igual às fontes de tensão. Ou seja, não se pode prever qual comportamento o indivíduo vai ter diante de uma situação de tensão, o que para um pode ser foco de raiva, estresse para outro pode não ter o mesmo significado.

2. 2. 3 A evasão escolar no olho do furacão: os olhares das Teorias da Tensão Geral, Controle Social e Aprendizagem Social

O estudo de Gasper (2006) analisa qual a importância para a prática de delinquência da saída da escola. Os dados usados são os da Pesquisa Longitudinal Nacional de Mocidade 1997 (NLSY97), com jovens de 12 a 16 anos, e revelaram que para as variáveis roubo, assalto, venda de drogas e vandalismo aqueles que largaram a escola tem maior envolvimento com criminalidade. Jovens que saíram da escola porque não gostavam dela tiveram maior índice em todos os crimes. Adolescentes com problemas de comportamento em função de pares também delinquentes na escola não tiveram o problema atenuado com a saída. Nível alto de assalto também foi encontrado naqueles que saíram da escola por conta de mudança na residência da família. Tal estudo é importante, pois considera o abandono não como um evento e, sim, como um processo. Para os teóricos a saída da escola diminui a delinquência (Elliott e Voss, 1974 apud Gasper, 2006), aumenta (Thornberry, Moore e Christenson, 1985 apud Gasper, 2006) ou saída não tem como efeito a delinquência (Bachman, O'Malley e Johnston, 1978 apud Gasper, 2006).

O efeito da saída é mais complexo do que se imagina. Seguindo a lógica de Agnew (1982) considerando-se a relação do jovem com os pais sair da escola poderia intensificar as relações “aversivas” com os pais. Neste caso, a raiva pode resultar em delinquência. Ou se o problema for relações conturbadas na escola, neste caso sair representaria diminuição da delinquência, pois eliminar-se-ia o foco de tensão.

Foram poucos os estudos que consideraram o papel do pares como uma explicação da delinquência e os que constataram que saída de amigos ou irmãos aumenta a probabilidade de saída do jovem. Em pesquisas que consideram a complexidade da trajetória escolar, a saída da escola é considerada como resultante de um processo e não como um evento. Há pesquisas,

contudo, que tendem a classificar o delinqüente como aquele que saiu, desistiu de forma definitiva e não como aquele que passou por processo de retirada da escola. A escolarização é fruto do tempo dentro e fora da escola.

Para a Teoria da Tensão a delinqüência é resposta para frustração ou tensão. Para Cohen (1955 apud Thornberry *et al*, 1985) a frustração ocorre porque a escola da classe mais desfavorecida não está a altura da classe mais privilegiada. Logo, se pode concluir que caso o foco de tensão esteja no espaço escolar, o abandono diminui a possibilidade de conduta criminosa. Para Cloward e Ohlin (1960 apud Thornberry *et al*, 1985), dadas as diferenças de oportunidades entre as classes, a criminalidade é vista como meio de alcançar sucesso econômico. Para Elliott e Voss (1974 apud Thornberry *et al*, 1985) a delinqüência, para quem tem mais oportunidades, pode ser resultante de um ruim desempenho escolar o que ocasionaria problemas em ascender socialmente ou faria com que as pessoas se relacionassem com indivíduos com desempenho escolar ruim. Ainda para eles “a escola é o contexto social crítico na geração do comportamento criminoso” (Thornberry *et al*, 1985). Em um amplo estudo, concluíram que a taxa de estudantes do Ensino Médio que cometeram crimes foi maior enquanto estudavam e declinou muito após abandonarem a escola. Para Farnworth e Leiber (1989 apud Gasper, 2006) os jovens reconheceram que é através da Educação que se consegue um bom trabalho e sucesso financeiro. Para Agnew (1992) delinqüência pode ser fruto da tensão gerada pela percepção ou situação real de desconforto (jovens que cedam aos apelos de uma sociedade do consumo, não tenham como se empregar e conseguir dinheiro).

Na Teoria do Controle Social a escola é vista como instituição de controle que diminui a criminalidade, logo, o abandono a aumenta. Ao abandonar a escola rompe-se com as obrigações, logo se enfraquece na prevenção contra a delinqüência. Mas tal teoria pode apontar para o fato da saída da escola indicar o contrário, uma diminuição da criminalidade, se o jovem empregar-se ou casar-se, estabelecendo deste modo novas relações de obrigação e

com outras instituições. Nos evadidos do Ensino Médio na faixa etária de mais de vinte anos, segundo estudo de Polk e Cols (apud Thornberry *et al*, 1985), o índice de criminalidade é maior do que aqueles que concluíram o Ensino Médio. Tal estudo confirma a tendência esperada no Controle: o abandono aumenta a criminalidade.

Para Gottfredson e Hirschi (1990, apud Thornberry *et al*, 1985), Teoria do Autocontrole que é considerada por alguns uma variante da teoria do Controle Social, sair da escola não muda a tendência da pessoa em praticar um crime. As pessoas com baixo autocontrole estão sujeitas a influências de fatores mais imediatistas e estar na escola, submetendo-se às regras e as promessas de um futuro melhor, não as satisfazem.

Já na Teoria do Aprendizado Social a escola pode ser o espaço que favorece o jovem a conviver com pares delinquentes ou tornar-se autor de atitudes transgressoras a fim de se resguardar de atitudes hostis de outros então, sair da instituição implica em diminuir a criminalidade. Mas se é fora da escola onde estão os amigos delinquentes então não fará diferença.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa realizada usou uma abordagem qualitativa uma vez que se levou em consideração, dentre outros, os seguintes aspectos que caracterizam este tipo de estudo: a perspectiva dos próprios adolescentes foi retratada, através do envolvimento direto do pesquisador com o campo estudado e o tratamento mais discursivo, mais detalhado e descritivo de um número pequeno de casos. Como apoio para estabelecimento de um pano de fundo sobre o alunado da unidade, aplicou-se também um pequeno questionário que permitiu observar algumas características gerais do mesmo.

Os informantes da pesquisa foram 10 adolescentes de Ensino Médio oriundos da comarca da capital e do interior do estado de Rio de Janeiro. Pela brevidade na passagem destes adolescentes pelo IPS não foi possível mais de um encontro e, por uma questão ética, não foi possível o contato com estes adolescentes fora dos limites da instituição.

Os quadros estatísticos da escola do Instituto Padre Severino foram elaborados com base no registro diário das aulas dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007. Para cada ano foi feita uma planilha com os meses de fevereiro a dezembro e com o quantitativo de adolescentes matriculados em cada turma. Somados os quantitativos de matrículas por série/ano de estudo foi retirado o percentual considerando como 100% o número total de matriculados no ano.

Os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados com os adolescentes do Ensino Médio foram os seguintes:

- Questionário com perguntas abertas e fechadas em relação às percepções do adolescente sobre a escola, trajetórias de vida e escolar, perfil socioeconômico, situação atual e perspectivas e

- Entrevista estruturada e gravada, basicamente, sobre trajetória escolar, situação atual e perspectivas para o futuro.

3. 1 DA TEORIA À PRÁTICA: APLICABILIDADE DA *STRAIN GENERAL THEORY*

Após a leitura dos referenciais ficou estabelecido que se tomaria por base de análise a *General Strain Theory of Crime and Delinquency* elaborada por Robert Agnew. Embora seja nova e não muito difundida no Brasil a referida Teoria foi testada, pois pareceu ser a mais ampla e que, por conseguinte, conseguiria fornecer maior quantidade de indícios para a formulação da hipótese que possa dar conta de uma situação inicialmente contraditória: se a escola é uma instituição aliada na prevenção da criminalidade como explicar o aumento desproporcional na escolarização dos autores de atos infracionais. Para a formulação da hipótese foram feitas perguntas que indiretamente e diretamente fornecessem indícios dos focos de tensão. O que para Agnew se encontra em um dos três principais tipos de tensão: incapacidade de atingir os estímulos positivamente avaliados (dinheiro, autonomia, status e respeito), a perda de estímulos positivamente avaliados (a morte ou o fim de um relacionamento) e a apresentação de estímulos negativos (problemas no relacionamento com os pais, na escola e situações ruins que causem fortes impactos nos jovens). Como as fontes de tensão variam para cada indivíduo levou-se em consideração que os adolescentes indicariam pelo menos uma delas. E é esta perspectiva, a do adolescente, que foi decisiva para permitir uma resposta ao problema inicial.

3.2 BREVE HISTÓRICO

O grupo entrevistado foi composto de dez adolescentes internados provisoriamente no Instituto Padre Severino ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2008. As entrevistas duraram em média uma hora e foram elaboradas com o objetivo de obter respostas para a definição do perfil sócio-econômico destes jovens, identificar se há fatores, nos níveis social-psicológico e intra-escolares que contribuíram e quais outros levaram à prática de atos infracionais. Obtidos os objetivos pode-se, com base no referencial, elaborar a hipótese que explicará porque há um aumento de adolescentes de Ensino Médio autores de atos infracionais que excede em muito ao da coorte no Rio de Janeiro.

Dos dez adolescentes entrevistados apenas em oito serão identificados os tipos de tensão e os fatores extra-escolares e intra-escolares que os levaram às práticas dos atos infracionais, pois dois alegaram inocência.

Como não se pode divulgar nenhum dado que identifique os jovens os nomes que por ventura foram mencionados são fictícios.

3.2.1 Os adolescentes e suas vidas

Anderson

Jovem branco de dezessete anos foi criado e mora sozinho com os pais, pois suas duas irmãs mais velhas já estão casadas. Ambos os pais possuem Ensino Fundamental completo, o pai trabalha como motorista de ônibus e a mãe é dona de casa. Declara ter um bom diálogo com os pais e ter como atividades de lazer o futebol, passeios ao shopping e na comunidade

próxima a sua casa. Explicou que “a comunidade invadiu sua rua” e por isso passou a considerar que mora na comunidade. Não faz uso de drogas pesadas, “só bebo socialmente de curtidão”. É aluno de uma escola estadual noturna onde cursa o 3º ano e embora tenha declarado que considera o ensino bom e a escola importante “pro futuro” esclareceu que precisará fazer curso para se tornar militar da aeronáutica “hoje em dia, na nossa sociedade só com o estudo da escola não dá pra arrumar um emprego bom para o futuro”. Em relação ao ato infracional foi autuado por roubar um carro, após ser chamado por um conhecido, pois precisava de dinheiro para pagar dívidas com peças da moto que usava para trabalhar como táxi e comprar coisas (roupas, calçados) que seus pais não podiam dar. Depois de solto, pretende trabalhar para conseguir o dinheiro e os sentimentos de “desespero e estresse” deram lugar ao conformismo na situação de privação “pelo menos eu tentei”.

Severino

Jovem branco de dezessete anos foi criado pelos avós maternos e pela mãe até os nove anos de idade. Aos nove anos seu pai foi confundido com o irmão (tio do adolescente) que devia ao tráfico. Foi executado e embora nunca tenha morado com o filho, mantinham um bom relacionamento. Dois dias depois da morte do pai nasceram seus irmãos fruto da união da mãe com o padrasto. Passou então a residir com os avós embora mantenha contato cotidiano com a mãe, irmão e padrasto. Seu pai possuía o Ensino Fundamental incompleto e sua mãe fez o antigo Normal. O pai era padeiro, sua mãe é professora da rede particular e ajuda na lanchonete da sogra, seu padrasto trabalha na diretoria de uma empresa de viação, o avô é soldador e avó trabalha em um posto de saúde. Declara, inicialmente, ter um bom diálogo com os avós e com a mãe. Mas no decorrer da entrevista relatou que as duas vezes que cometeu atos infracionais foram em momentos também de raiva após discutir com a mãe. Relata ter como atividades de lazer o futebol, idas ao baile e conversas com os amigos da

comunidade. Explicou que, embora não more na comunidade, seus amigos são de lá. Usa maconha e experimentou a droga pela primeira vez em um baile. É aluno do turno da tarde em uma escola particular onde cursa o 1º ano e foi o único que declarou que o ensino que está recebendo será suficiente para alcançar seu objetivo que é fazer Faculdade de Educação Física. Também foi o único a mencionar que dentre o que mais gostava na escola além de algumas disciplinas também estava o “ambiente escolar” (explicou que eram as atividades, os jogos, as conversas, “o clima escolar”). Em relação ao ato infracional atual foi autuado por roubar a bolsa de uma mulher, pois "de manhã tinha brigado com a minha mãe. Aí falei: vou jogar bola. Aí, tipo, encontrei um moleque que também tava boladasso. Aí falamos: vamos prender alguém." Disse também que nem sabia o que ia fazer com o dinheiro. Já no primeiro ato infracional no ano de 2007 foi autuado por porte ilegal de arma (usando a arma do padrasto) porque também estava com raiva da mãe ("a gente estava discutindo muito"). Declarou também que: "eu tenho tudo o que eu quero, mas ao mesmo tempo que eu tenho tudo eu gosto das coisas da favela"; "eu faço as coisas de moleque maluco, não de bandido"; "elas só gostam de nego que só vive fazendo m. besteira, elas pensam que eu sou assim", "sou tipo playboy" ele se sente mais respeitado por ter Ensino Médio na comunidade do que na escola porque na escola corrigem ele direto. Diz ir a shopping, que não pertence a este mundo de ter dinheiro e que não liga, mas mais a frente fez questão de frisar que sua avó o levou a shopping Rio Sul e gastou mais de mil reais na Lacoste Não se sente atraído pelas amigas da escola ("são sem graça"), declarou que vai à boca de fumo (mas que não tem graça ganhar trezentos reais por semana) e reclamou por ter sido muito preso na infância e ficar mais solto na adolescência (queria o inverso).

Carlos

Jovem branco de dezesseis anos foi criado somente pela mãe, pois não sabe quem é o pai. Tem mais dois irmãos que são filhos de pais diferentes. Ficou em um internato com o irmão mais novo durante cinco anos e só encontrava com a mãe nos finais de semana. Atualmente mora com a mãe que é cabeleireira e o irmão mais novo em um apartamento num tradicional bairro do Rio, porém próximo a um morro. Seu irmão mais velho também já esteve preso quando era mais jovem pelo mesmo motivo. Declara ter um bom diálogo com a mãe e como atividades de lazer skate, natação e idas a “raves”. Embora o lazer não seja condizente com os encontrados nas favelas prefere os amigos do morro que do prédio, “na comunidade falam que eu sou playboy, já teve briga e tudo”. Relata fazer uso esporádico de maconha e ecstasy. Foi aluno de uma escola estadual noturna onde cursava o 1º ano e explica que largou a escola porque “estava chata” e embora tenha declarado que considera a escola importante esclareceu que o ensino não era “totalmente bom” e que precisará fazer pré-vestibular para fazer Faculdade de Direito. Foram três os atos infracionais todos análogos ao crime de roubo. Em relação aos seus dois primeiros atos, roubo de computador e carga, respectivamente em 2006 e 2007, atribui aos amigos que chamaram “vamo botar um dinheiro maneiro”, “eu não tinha noção do crime”, “o pessoal do morro tem a mente mais maldosa” e acha que sofreu influência do irmão. Reclamou muito da ausência da mãe que “trabalha muito para nada”.

Jaime

Jovem branco de dezesseis anos foi criado até os sete anos com os pais. Após a separação deles passou a residir com a mãe e irmã, que atualmente não mora mais com ele, pois encontra-se casada e exerce a função de técnica de enfermagem. Sabe que seu pai, cuja profissão é mecânico, tem Ensino Fundamental incompleto e que sua mãe é doméstica. Declara ter um bom diálogo com os pais e ter como atividade de lazer principal o futebol que

joga na comunidade em que reside. Disse já ter feito uso de maconha e cocaína embora mais a frente declarou que iria usar uma parte do dinheiro para quitar dívidas de drogas. Foi aluno de uma escola estadual onde cursava, no turno da tarde, o 1º ano e que parou de estudar há um ano porque a “escola ficava muito longe”. Embora tenha declarado que considera a escola importante, esclareceu que só o ensino da escola não é suficiente (“a pessoa estuda para terminar o Ensino Médio e fazer um curso pra fazer outra coisa”). Em relação ao ato infracional foi autuado por assaltar um motorista de Kombi, pois precisava de dinheiro para pagar dívidas de drogas e queria comprar coisas “falta de dinheiro assim, minha mãe não podia me dar o que eu queria”.

José

Jovem preto de dezessete anos foi criado e mora com os pais e um irmão mais novo. Ambos os pais possuem Ensino Médio incompleto, o pai trabalha como pedreiro e a mãe é doméstica. Declara ter um bom diálogo com os pais e não ter atividades de lazer em função da proximidade da residência com o morro. Não faz uso e nunca fez de nenhum tipo de droga. É aluno de uma escola estadual noturna onde cursa o 2º ano e embora tenha declarado que considera o ensino bom e a escola importante “pra terminar o estudo e fazer faculdade” esclareceu que precisará fazer curso para se tornar técnico em enfermagem e posteriormente fazer Faculdade de Enfermagem. Em relação ao ato infracional embora autuado por roubar uma bolsa, após um conhecido ter oferecido para levá-lo ao shopping no mototáxi, alega inocência, pois desconhecia que na volta da carona o maior teria intenção de roubar. Era considerado um ótimo garoto por todos, nunca teve amigo envolvido em ato infracional e estudava a noite para cuidar do irmão mais novo e trabalhar junto com o pai de ajudante de pedreiro.

Jairo

Jovem preto de dezesseis anos foi criado e mora com os pais e um irmão mais novo. Ambos os pais possuem Ensino Fundamental completo, o pai trabalha como gráfico e a mãe é doméstica. Declara ter um bom relacionamento com os pais e ter como atividades de lazer o futebol e soltar pipa. Mora dentro de uma comunidade. Já fez uso de maconha, mas, depois de sua mãe descobrir, parou. Foi aluno de uma escola estadual noturna onde cursava o 1º ano e fazia estágio remunerado de eletromecânica em uma grande indústria de cigarros. Parou há um mês, pois andava muito cansado. Embora tenha declarado que considera o ensino bom e a escola importante “para o futuro” esclareceu que precisará fazer curso para conseguir um bom emprego. Em relação ao ato infracional foi autuado por roubar um telefone celular após ter tido o seu roubado no estágio. Alegou que roubou por medo de sua mãe brigar com ele, já que havia mandado que não levasse o celular para o estágio. Achou melhor encontrar um igual do que contar para a mãe o que tinha ocorrido.

Alexandre

Jovem branco de dezesseis anos foi criado pelos pais até oito anos na comunidade em que residem até hoje. Após a separação, ele e o irmão moraram com a mãe e há dois anos moram também com o padrasto com quem mantém um péssimo relacionamento. O pai, copeiro, possui o Ensino Médio completo e a mãe, doméstica, o Ensino Fundamental incompleto. Declara ter um bom diálogo com o pai e não muito bom, em função do padrasto, com a mãe. Tem como atividade de lazer o futebol. Nunca fez uso de drogas. É aluno de uma escola estadual noturna onde cursa o 1º ano e embora tenha declarado que considera o ensino bom e a escola importante “todo mundo hoje precisa para trabalhar de grau de escolaridade” esclareceu que precisará fazer curso para fazer Hotelaria. Em relação ao ato infracional foi

autuado por roubar uma moto, após ser chamado por um colega de escola, porque queria dar umas voltas. Declarou trabalhar esporadicamente como ajudante de pedreiro.

Rogério

Jovem branco de dezesseis anos, foi criado pela mãe até os treze anos quando ela faleceu em função de um derrame (usuária de drogas). Até os oito anos foi também criado, juntamente com o irmão (que é um pouco mais velho), pelo padrasto que é Engenheiro. Após a morte da mãe foi morar com a tia e há uns meses foi morar sozinho com irmão. O irmão mais velho trabalha na Companhia Siderúrgica Nacional e o pai é Guarda Municipal. Ambos os pais possuem Ensino Médio completo. Declara que tinha um bom diálogo com mãe, razoável com o pai e ótimo com o padrasto. Gosta de ficar em casa e não reside em comunidade. É aluno de uma escola estadual no turno da manhã onde cursa o 1º ano e embora tenha declarado que considera a escola importante (“se com o estudo ta difícil conseguir alguma coisa, imagina sem”), esclareceu que precisará fazer curso para “conseguir algo melhor”. Trabalha com aprendiz em um mercado e é remunerado pelo serviço. Em relação ao ato infracional era o único que não tinha sido autuado por roubo e, sim, por estupro. Seu irmão do meio também foi autuado no mesmo crime. Foram acusados, segundo ele, injustamente por estuprar a neta da tia que os criava. Em relação à motivação do crime não foi possível esclarecer uma vez que o adolescente alega inocência.

Manuel

Jovem preto de dezoito anos foi criado pela mãe e avó com mais seis irmãos. Os pais possuem baixa escolarização. O pai é pintor de carros e a mãe do lar. O pai está preso também por roubo. Diz manter um ótimo relacionamento com o pai. Já com a mãe diz ser bem conturbado. Mora em uma casa “ruim” em uma comunidade. Tem como atividades de lazer o

futebol e o baile. Faz uso de maconha e cocaína e disse que pediu internação na Clínica de Tratamento. Foi aluno de uma escola estadual no turno da tarde onde cursava o 1º ano. Parou há dois anos porque “a vida levou”. E embora tenha declarado que a escola é importante “pro futuro” esclareceu que para ele ela não terá nenhuma serventia. Em relação ao ato infracional foi autuado quatro vezes por roubo e tráfico. Após descumprir a medida de semi-liberdade foi pego com mandado de busca. Alegou que precisava de dinheiro para pagar dívidas de drogas e comprar coisas. Fez questão de dizer que tem problemas com a mãe e que mesmo com o pai preso eles se dão muito bem.

Matheus

Jovem branco de dezessete anos foi criado pela mãe, mas sempre manteve um bom relacionamento com o pai. O pai é advogado, mas é comerciante e a mãe possui o Ensino Médio completo e trabalha com transporte escolar. Declarou ter um bom relacionamento com os pais e que quase não sai de casa para se divertir. Seu irmão possui um ponto de mototáxi e trabalha com ele. Usou maconha e cocaína e diz ter começado na escola. Era aluno de uma escola estadual noturna onde cursava o 1º ano. Abandonou a escola, pois se mudou com a mãe. E embora tenha declarado que considera a escola importante (“sem estudo não somos ninguém”) esclareceu que “com o ensino da escola não consegue nada”. De todos os adolescentes, é o único que tem filho. Em relação ao ato infracional foi autuado por roubar um motorista, pois precisava de dinheiro para dar ao filho.

3. 3 PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

Todos os adolescentes responderam a todas as perguntas. Não houve recusa alguma nem aparente constrangimento. Até o adolescente que cometeu ato infracional análogo ao crime de Estupro (no artigo 213 do Código Penal) respondeu a todos os questionamentos.

Dos dez adolescentes a metade tinha dezesseis anos, sete eram de brancos, nove sabiam quem era o pai e todos conheciam a mãe. Com exceção dos pais (um pai e uma mãe) mortos, do desconhecido, do preso e das mães que eram donas de casa todos os pais estavam empregados. Ou seja, exceto os que não podiam e as “do lar” todos estavam empregados. Mais da metade dos pais tinham no mínimo o Ensino fundamental completo e um tinha curso superior. A metade tem apenas um irmão e quatro tem dois irmãos. Apenas um tem filho. Cinco moram com pelo menos a mãe e três moram com pelo menos os dois pais. Metade mora próximo a comunidades e a outra metade dentro de comunidades. Nove relataram viver com o suficiente para suprir as necessidades e, pelo menos, ter o mínimo de conforto. Mais da metade declarou ter usado ao menos maconha. Apenas três declararam ter, atualmente ou no passado, parentes próximos presos. Seis afirmaram ter ao menos o futebol como lazer e três revelaram que não tinham lazer algum. Nove estudam ou estudaram em escola pública estadual não profissionalizante, pouco mais da metade repetiu ao menos um ano e metade tinha saído da escola.

Os alunos compõem um grupo homogêneo em relação à idade, tendo em vista que a unidade pode abrigar jovens de doze à 21 anos incompletos. Metade deles tinha dezesseis anos, quatro tinham dezessete e apenas um dezoito. As idades indicam que os adolescentes não apresentam grande distorção idade/série, pois possuem idades dentro do esperado para os alunos de Ensino Médio.

Em relação à cor ou raça a maioria dos jovens, sete, declarou serem brancos e apenas três deles definiram-se como pretos.

Metade declarou ter sido criada pelos dois pais. Destes, dois viveram a separação dos pais quando tinham por volta de nove anos. Dois afirmaram terem sido criados apenas pela mãe. Os dois que consideraram serem criados pela mãe e outros esclareceram que estes foram padrasto e a avó materna. O que foi criado pelo padrasto disse manter até hoje, mesmo após a morte da mãe, um ótimo relacionamento com ele. O que considerou ter sido criado pelos avós fez questão de enfatizar que sua mãe sempre foi muito presente em sua vida até porque “dormia com meus avós e ficava com eles, porque minha mãe tinha que trabalhar. Mas, ela morava na casa de cima.”

A maior parte dos pais tem no mínimo Ensino Fundamental Completo (três tem incompleto e dois completo). Dos três que tem Fundamental Incompleto as profissões são padeiro, mecânico e pintor de carro. Já os com Fundamental Completo trabalham como motorista de ônibus e gráfico. O único que possui Médio Incompleto atua como pedreiro. Aqueles que têm o Médio completo, dois, trabalham como copeiro e guarda municipal. O que tem Faculdade de Direito é comerciante. E um por não saber quem é o pai, obviamente, desconhece sua escolarização.

Acompanhando os resultados dos pais, também mais da metade das mães tem no mínimo o Ensino Fundamental completo. Das duas que tem Fundamental incompleto uma é doméstica e a outra é do lar. As duas que tem Fundamental completo também ocupam as funções anteriores. A que tem Médio incompleto também é doméstica. Já das que têm Médio completo uma era comerciária e as outras duas são, respectivamente, professora e motorista de transporte escolar. Das com escolarização desconhecida uma é cabeleireira e a outra doméstica. Não há nenhuma com Curso Superior.

Em relação aos pais, com exceção do adolescente que não sabe quem é o pai, todos que podem encontram-se empregados, ou seja, sete pais e sete mães trabalham fora de casa. Já dos dois pais (homens) que não trabalham estão um preso e um faleceu. Um pai tem a situação de trabalho desconhecida, já que seu filho não o conhece. Os dados das mães seguem a mesma tendência, as que podem trabalhar (sete) encontram-se empregadas. Das que não trabalham duas são “do lar” e uma é falecida.

Só um adolescente declarou ter um filho. Embora apenas um adolescente tenha informado ter tido DST (gonorréia), todos disseram que usam a camisinha como método contraceptivo.

A maioria dos jovens informou fazer parte de famílias não-numerosas, dados este que se traduzem nos números acima. A metade tem somente mais um irmão, quatro tem dois irmãos e um tem mais de três. Dos grupos com um e dois irmãos, quatro já não moram mais com os irmãos e passaram a ser “filhos únicos” onde residem. O adolescente com mais de três irmãos é o que tem o pai preso e reside com sua mãe, a avó materna e os seis irmãos.

Dos seis que residem no município do Rio de Janeiro, metade é morador de comunidade. Dos quatro que residem em outros municípios do estado do Rio de Janeiro, também metade é morador de comunidade. Pelo grupo que não tem moradia em comunidade, foi informado que moram muito próximos às áreas mencionadas.

O futebol foi o lazer com maior número de adeptos. O grupo que elegeu o futebol como atividade para os momentos vagos era composto de seis adolescentes, sendo que quatro elegeram também pelo menos mais uma atividade. O adolescente que declarou ter na natação o lazer, também escolheu outra atividade. Sete adolescentes elegeram ao menos um esporte como opção de lazer e os outros três que não indicaram nenhuma declaram ficar em casa.

Dois informaram ter usado ou ser usuário somente de maconha. Mais da metade (quatro) declarou ser ou ter sido usuário de maconha e outras drogas contra três que

informaram nunca terem usado e um que informou ser apenas usuário de bebida. No grupo dos que utilizam as drogas ilícitas (seis) apenas dois indicaram que não são usuários.

Dos seis que exercem atividades remuneradas nenhum relatou fazer uso do dinheiro para sustento, ou melhor, sobrevivência sua ou da família. Relataram que usam o dinheiro para comprar coisas que enquadraram como supérfluos. As atividades no grupo são: moto táxi (dois adolescentes), ajudante de pedreiro (dois adolescentes), atendente (um) e estagiário remunerado em eletromecânica (um). Logo, quatro não exercem atividade remunerada.

3. 4 FATORES EXTRA-ESCOLARES QUE REPRESENTARAM FOCOS DE TENSÃO

O que de mais interessante se tem na Teoria da Tensão Geral é que se pode explicar o ato infracional além da resposta do adolescente. Subjetivamente este jovem pode explicar a razão, ao fornecer indícios, do porque cometeu um ato infracional. Trata-se de uma teoria que agrega as mais diferentes situações sociais, ou melhor, que fazem parte do cotidiano de todos à forma como os indivíduos reagem quando, para estes, os fatos são focos de tensão. Assim, a uma briga com a mãe podem ser atribuídos diferentes significados e resultar em diversas conseqüências. Ou, a ausência de um pai preso pode significar para o filho algo pior do que se eles estivessem convivendo. Não há dúvida de que o alcance desta Teoria é maior, pois procura entender a perspectiva do próprio sujeito.

Como fora mencionado anteriormente são três os tipos de tensão de acordo com a Teoria Geral da Tensão: a impossibilidade de atingir estímulos positivamente avaliados, a perda de estímulos positivamente avaliados e a apresentação de estímulos negativos. Então, se podem resumir em três palavras os tipos de tensão: fracasso, perda e inabilidade. Para cada um dos adolescentes variam os focos de tensão. Cada indivíduo reage de forma diferente quando colocado em uma situação de pressão. Logo, a morte de um pai, por exemplo, pode

gerar um obstáculo na vida do adolescente ao trazer problemas financeiros à família impedindo que o jovem alcance os objetivos traçados, também pode representar uma ausência irreparável na vida do adolescente ou torna-se uma situação conflituosa em que o indivíduo não consegue estratégias para livrar-se. A seguir a tabela elaborada a partir das respostas para o indicador ‘fatores extra-escolares’ como motivação para a prática do ato infracional:

TABELA 2 Quantidade de número de adolescentes agrupado por Tipo de Tensão

TIPO DE TENSÃO/MOTIVAÇÃO PARA PRÁTICA DOS ATOS INFRACIONAIS	NÚMERO DE ADOLESCENTES
Impossibilidade de atingir metas positivamente avaliadas	4
Apresentação de estímulos Negativos	4
Perda de estímulos positivamente avaliados	1

3. 4. 1 Os Tipos de Tensão e os resultados dos fatores extra-escolares

Dos dez jovens entrevistados, oito foram agrupados conforme modelo da Teoria Geral da Tensão, sendo que um indicou dois focos de tensão. Dois jovens declaram inocência e, portanto, por não assumirem a autoria dos atos infracionais não conseguimos agrupá-los na Teoria da Tensão Geral. Não que esta Teoria não tenha aplicabilidade àqueles que alegam inocência, mas requer um tempo maior do qual não dispusemos.

3. 4. 1. 1 Bloqueio de Metas ou Impossibilidade de atingir metas positivamente avaliadas

Esta tensão ao contrário do que possa parecer está relacionada mais com dificuldades nas metas presentes do que com metas futuras, ou seja, os jovens têm uma “subcultura” com valores e padrões próprios. Para um adulto, se podem agregar objetivos tais como dinheiro, respeito, status e autonomia. Já para o jovem, também tem muito significado a compleição física, a popularidade entre garotas, como se veste, a aceitação dentro do grupo e a sensação de poder e domínio sobre si e, principalmente, sobre outros. Os sentimentos de fracasso, frustração, raiva e de infelicidade são seus principais resultados.

Este tipo também é resultante de problemas e conflitos entre objetivos reais (expectativas) e ideais (aspirações), entre objetivos reais e resultados reais e entre resultado real e o que o indivíduo acha ser justo. Com exceção do jovem Matheus, que em função do perfil sócio-econômico situa-se melhor nos objetivos *versus* resultados, o conflito entre aspirações e expectativas parece ser o que melhor se encaixa na classe social dos entrevistados.

Dos entrevistados, podem ser considerados neste grupo todos àqueles que ao praticarem os atos infracionais justificaram precisar de dinheiro também para consumo de roupas, calçados e de outros supérfluos. Considerou-se o consumo pretendido como supérfluo, porque todos declararam terem o necessário para sobrevivência. Foram quatro os adolescentes. São eles: Anderson, Carlos, Jaime e Matheus. Embora Anderson e Jaime tenham declarado que usariam o dinheiro para pagar dívidas, também acrescentaram que usariam o dinheiro para comprar outras coisas. É a necessidade do consumo típica da subcultura dos jovens. Já Matheus embora tenha relatado precisar de dinheiro para comprar as coisas do filho mesmo tendo “emprego”, ele demonstrou viver no dilema entre os objetivos e

expectativas reais. Ele é filho de classe média baixa e vive as contradições de não estar conseguindo alcançar os objetivos traçados e estar vendo sua vida tomando rumo oposto ao esperado. O caso de Carlos é um pouco mais complexo, pois além do dinheiro para um fim não muito claro, demonstrou uma enorme insatisfação e frustração com a mãe. Neste caso ele pode se situar também na inabilidade de escapar dos estímulos negativos.

3. 4. 1. 2 Apresentação de estímulos negativos

Este tipo de tensão está ligado com a incapacidade do adolescente em lidar com situações, ou melhor, acontecimentos que gerem sentimentos próximos ao do tipo acima como raiva, frustração, desespero, descontentamento e decepção. Tal tensão pode estar ligada a fatos condicionais ou incondicionais. São condicionais todos aqueles que dependem da ação direta de outro (abuso sexual, problemas na escola, problemas com os pais, desemprego dos pais, morte de alguém importante) e os incondicionais são aqueles que independem da relação direta com outro indivíduo (barulho, calor, dor).

Dos oito adolescentes, quatro enquadraram o ato infracional nesta tensão. São eles: Severino, Jairo, Alexandre e Carlos. Severino atribuiu a autoria dos dois atos a momentos de raiva com a mãe ("raiva que eu não gosto de responder minha mãe aí fui descontar na mulher" e "minha mãe é muito severa, muito brava mesmo"). Já Jairo atribuiu ao medo de que sua mãe descobrisse que o seu celular foi roubado após descumprir uma ordem da mesma. Alexandre demonstra ter sérios problemas com a mãe atualmente em função do padrasto e relatou apenas que só queria sair de casa e dar umas voltinhas na moto roubada. Já Carlos que também se encontra na primeira tensão, relatou viver sérios problemas em função da ausência da mãe.

3. 4. 1. 3 A perda de estímulos positivamente avaliados

Neste tipo de tensão encontram-se as situações de ruptura com elementos considerados importantes na vida. Podem ser atribuídas perdas, rupturas no contato com outras pessoas consideradas importantes (término de namoro, separação dos pais) ou até mesmo com rotinas (suspensão na escola).

O único adolescente que atribuiu o ato a este tipo foi Manuel, que demonstrou ter muita tristeza em ter seu pai preso. Segundo Agnew o estado de depressão é também resposta da perda de estímulos e pode levar o jovem à prática de delinqüência. A inabilidade de Manuel em relação à situação do pai foi relatada durante toda a entrevista (“meu véio tá preso, eu sempre fui igual à ele”; “quando tava na pista não me entendia com minha mãe, só com meu pai”).

3. 5 FATORES INTRA-ESCOLARES

Em todas as teorias das causas da criminalidade a escola desempenha papel direto ou indireto determinante no comportamento delinqüente. Sua ausência ou falha como instituição agregadora de valores e normas ao indivíduo seria fator de criminalidade para a Teoria de Controle Social. Já para a Teoria do Aprendizado Social o crime poderia ser decorrência da convivência com pares que apresentam conduta inadequada, por exemplo, dentro do colégio.

Para a Teoria da Tensão Geral a instituição pode representar um ou mais focos de crise. Assim, o fato de um aluno ser classificado como ruim seja em função do comportamento ou do nível de aprendizagem, problemas de aceitação com os pares ou com os professores e até mesmo os conflitos entre as aspirações e as expectativas são potenciais

fontes de conflito para o adolescente. E, para a Tensão Geral, conflito pode empurrar este adolescente para delinquir.

3. 5. 1 A escola na perspectiva do adolescente

Em relação à escolarização dos adolescentes foram feitas perguntas que pudessem oferecer indícios sobre possíveis focos de tensão na trajetória escolar destes adolescentes. Apenas um aluno era da rede particular e o restante de rede pública. Apesar desse desequilíbrio, pareceu interessante classificá-los pela rede de ensino da qual fazem parte. As respostas, para melhor entendimento, foram sistematizadas no tabela a seguir.

TABELA 3 Considerações sobre a escola e a trajetória escolar

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA E TRAJETÓRIA ESCOLAR	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PARTICULAR
ESCOLA É IMPORTANTE	9	1
NÃO REPETIU ANO	4	
REPETIU ANO	5	1
PAROU DE ESTUDAR	5	
NÃO PAROU DE ESTUDAR	4	1
ENSINO BOM	6	1
ENSINO REGULAR/RUIM	3	
ENSINO SUFICIENTE PARA O ALCANCE DE METAS OU EXPECTATIVAS		1
ENSINO INSUFICIENTE PARA O ALCANCE DE METAS OU EXPECTATIVAS	9	

Para todos os adolescentes a escola é importante. Quando perguntados sobre o porquê a consideraram importante, responderam “porque é” ou respondiam com jargões do tipo “até pra ser gari hoje em dia tem que ter Ensino Médio”, “pro futuro” e “se com estudo tá difícil,

imagina sem”. Demonstraram não saber justificar a importância através da própria vivência (porque para alguns realmente pode não haver importância) usando o que escutaram de outros ou respostas vagas.

Dos seis que repetiram de ano apenas o da escola particular repetiu o Ensino Médio e foi por ter cometido um ato infracional anteriormente na época das provas. Todos os outros demonstraram ter na reprovação pregressa algo resolvido.

Na metade que parou de estudar, dois alegaram a distância da escola com principal impedimento, dois relataram que já não era mais tão atrativo estudar (“ a escola estava chata” e “porque a vida levou” e um que teve que fazer, em função do cansaço, a opção entre fazer o estágio ou estudar. Mas, para este grupo foi perguntado se o abandono da escola teria tido alguma influência direta ou indireta na prática do ato infracional. Todos responderam que não, seja porque cometeram o ato em horário fora do que estariam na escola ou por que a escola não é “obstáculo” ou porque foi outra a motivação. Conforme mencionado acima no referencial teórico a evasão é um fato extremamente complexo. Mais que um acontecimento isolado trata-se de um processo nem tão rápido como pensamos. O que faltou foi um tempo maior para aprofundarmos esta questão, mesmo não sendo um fenômeno comum a todos os entrevistados.

Apenas três da rede pública disseram não considerarem o ensino bom e classificaram-no como regular ou ruim. Todos eles pararam de estudar e dois atribuíram este fato à falta de atrativos da escola, optando pelas coisas da rua, e um à distância.

Ao serem perguntados se o Ensino Médio era suficiente, dentro do que queriam ou do que consideravam razoável, para ingressarem no mercado de trabalho ou em uma faculdade somente o aluno de escola particular respondeu que sim.

O relacionamento com os professores foi avaliado, com exceção de um aluno da rede estadual que relatou levar “muitos esporros”, como “bom” ou “normal”. Estas duas palavras

sintetizaram a idéia de que “quando os professores vão à escola dão aula ou passam trabalho, eu participo quando ele pergunta e não dou problemas na escola”.

Em relação à escola, outra questão significativa é relativa à companhia no momento em que praticavam o ato infracional. Apenas três revelaram inicialmente que seus amigos atuados no mesmo processo eram da escola, sendo que no decorrer da entrevista revelaram que os mesmos também pertenciam a comunidade em que moravam.

Sobre as expectativas dos jovens, com exceção de um, declararam grande interesse em terminar os estudos e ter trabalhos que exijam além do Ensino Médio. Nesta categoria, denominada “Objetivos para o Ensino Médio”, o único que informou não querer concluir o Ensino Médio era da escola pública.

Quando perguntados sobre o que mais gostavam na escola e o que menos gostavam, com exceção do aluno da escola particular, responderam que eram uma ou mais disciplinas. Os alunos da escola pública pareceram estar reduzidos ao espaço da sala de aula, pois não sinalizaram que faziam, gostando ou não, outras atividades. Estes mesmos alunos sinalizaram ainda conviverem ou terem convivido com a falta de professores. Já o aluno da escola particular ao responder a esta pergunta excedeu os limites da sala e revelou que na escola “os professores são legais, principalmente o que dá aula com violão e o clima, sabe, o ambiente é muito manero”.

4 CONCLUSÕES

Após a descoberta de que o aumento de adolescentes com Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro e cumprindo medida sócio-educativa de internação provisória excedeu a elevação da coorte, buscou-se um referencial que pudesse fornecer indícios para a explicação deste fenômeno.

A maioria dos referenciais andavam na contra-mão do fato, pois há uma cultura amplamente difundida não só no meio acadêmico, mas na coletividade da sociedade de que a escolarização é um fator de prevenção da conduta criminosa. Ou seja, não só aqueles que são especialistas em Educação, ou os que definem as políticas públicas como as pessoas comuns, o pai de família, até mesmo a pessoa que nem teve a oportunidade de estudar.

Este julgamento do senso comum não está totalmente errado. Afinal, é menor o número de adolescentes autores de atos infracionais e da população carcerária com Ensino Fundamental completo e Ensino Médio que o quantitativo para estes mesmos públicos com nível mais baixo de escolarização.

Mas, de fato, não se pode desconsiderar que a elevação observada é indício de que algo contraditório existe entre o discurso coletivo e a realidade.

Considerando também que o sistema sócio-educativo é o recurso mais extremo do Estado e, portanto, da sociedade para fazer o jovem adequar-se ao meio. O aumento desproporcional da escolaridade entre os internos é um fator preocupante na medida que, dadas as políticas atuais executadas nestas unidades, nada mais de significativo é acrescentado a este adolescente. Ou seja, se este jovem passa pela unidade, por que na sua trajetória em determinado momento o ato infracional foi a atitude mais representativa e nenhuma contribuição nova, a não ser o fato de privá-lo da liberdade, é incorporada à vida do adolescente, um outro erro está sendo cometido.

Ao considerar a escolarização fator de prevenção da criminalidade, limita-se a prática de atos infracionais sempre ao estereótipo da maioria de analfabetos e semi-alfabetizados. E foi por se tratar de uma situação extremamente complexa que a formulação da hipótese fundamentou-se na análise a partir da Teoria Geral da Tensão de Robert Agnew. Esta Teoria embora não muito difundida em pesquisas no Brasil foi a que, após criteriosa seleção, pareceu ser a que seria capaz de fornecer maiores indícios para a resposta do fenômeno. Isto porque busca entender a delinqüência a partir da perspectiva do próprio jovem. Ela considera o nível social e psicológico de cada indivíduo, ou seja, analisa qual provável foco de tensão levou-o à prática de ato infracional. Por foco de tensão entende-se todo evento, fato, metas, objetivos, aspirações, expectativas e elemento da “subcultura da juventude” que, variando para cada indivíduo, tornam-se tensão e, posteriormente, ato infracional. Ou seja, as pessoas reagem e sentem de modos distintos às pressões inerentes a trajetória de vida.

Foram entrevistados 10 adolescentes e suas respostas foram tabuladas e transcritas a fim de se obter o perfil dos adolescentes, os fatores extra e intra-escolares que levaram ao ato infracional.

O perfil sócio econômico dos alunos de Ensino Médio é composto, em pelo menos metade, de jovens que: são brancos, conhecem ou convivem com os pais, tem estes inseridos no mercado de trabalho e possuem ao menos o Ensino Fundamental completo, são oriundos de famílias com poucos filhos, demonstraram estarem satisfeitos com suas residências, declararam não terem filhos, tem no futebol o principal lazer, já usaram ou usam ao menos maconha e são alunos oriundos da rede estadual e embora possam ter repetido algum ano não possuem grande defasagem idade-série.

Com exceção da proporção do uso de drogas este perfil não condiz com o que é esperado de um jovem que cometeu ato infracional e está em medida privativa de liberdade. O que se supõe é que dentro de uma unidade sócio-educativa de internação encontram-se jovens

pretos, pobres, oriundos de famílias com muitos irmãos e monoparentais (cujas chefas são mães que, quando subempregadas, não conseguem dar atenção aos seus filhos), residentes em moradias com condições precárias, moradores de comunidades e com baixo nível de escolarização.

Em relação aos fatores extra-escolares, segundo a Teoria da Tensão Geral, a quase totalidade dos adolescentes atribuíram a prática dos atos infracionais a dois focos de tensão: impossibilidade de atingir metas positivamente avaliadas e apresentação de estímulos negativos. No primeiro foco (que representa a tensão resultante do não alcance dos objetivos, metas, desejos, expectativas e que geram frustração, raiva, sensação de fracasso, infelicidade) destacaram-se: a necessidade de fazer parte, estar inserido na “ subcultura dos jovens” e o dilema entre os objetivos reais (o que poderia alcançar) e as expectativas reais (as perspectivas não muito satisfatórias). No segundo foco (que é a inabilidade do adolescente em lidar com acontecimentos que gerem sentimentos negativos) ficaram aqueles com problemas de relacionamento com a mãe que resultaram em raiva, medo, ciúme e sensação de abandono.

Já para os fatores intra-escolares nenhum adolescente atribuiu diretamente a autoria do ato infracional à escola. Porém, consideramos a escola como, a exemplo da família, uma instituição social extremamente importante no contexto em que vivem estes jovens e que também, segundo Agnew, representa um foco de tensão na perspectiva do adolescente. Houve um grande hiato entre os resultados sobre a importância da escola e a suficiência do ensino para o alcance de metas. Ou seja, embora todos os adolescentes tenham considerado a escola importante, inclusive justificando esta afirmativa, todos os adolescentes, com exceção do único oriundo da rede particular, afirmaram prontamente que o ensino não é suficiente para o alcance de metas e objetivos. O que sugere haver na escola também, um significativo foco de tensão que, embora não tenha sido a causa direta da prática do ato infracional fornece indícios de que há uma contradição entre as aspirações (resultados ideais) e expectativas (resultados

esperados). Outra consideração significativa que deve ser feita é que para todos os alunos da rede pública estadual a escola está reduzida ao espaço da sala de aula, muitas vezes marcada pela ausência do professor, pois ao responderem sobre o que gostavam e não gostavam pontuaram somente elementos de dentro das classes. Somente o único aluno da rede particular excedeu os limites da sala, ao falar sobre “ambiente” e “clima”.

Após todas as considerações feitas concluímos que o aumento de adolescentes de Ensino Médio cumprindo medida sócio-educativa de internação excedeu a da coorte porque, atualmente em função da qualidade do ensino ofertada, o sistema público no qual estes jovens estão ou estiveram inseridos cada vez menos proporciona elementos para que os mesmos alcancem as metas aspiradas. Eles vivem, claramente as contradições entre o que é a escola no discurso, na teoria e aquilo que tem sido na prática. O que a Teoria da Tensão Geral indica é que a escola não é o foco que diretamente causou o ato infracional, porém representa atualmente, em função da falta de perspectivas e oportunidades, mais uma significativa fonte de pressão sobre as aspirações destes jovens. Esta falta de oportunidades e perspectivas faz com que o hiato entre os mais escolarizados e os menos escolarizados tenda a diminuir com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNEW, Robert. Foundation for a General Strain Theory of Crime and Delinquency. *Criminology*, vol. 30, pp. 47-87, 1992.
- AGNEW, Robert. (2002). Experienced, vicarious, and anticipated strain: an exploratory study on physical victimization and delinquency. *Justice Quarterly*, 19(4), 603-633.
- ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Perspectiva de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciências e Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p.81-90, 2005.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Criando Caim e Abel: pensando a prevenção da infração juvenil. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1999. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81231999000100011&script=sci_arttext >. Acesso em: 20 2008. doi: 10.1590/S1413-81231999000100011.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito Penal**: introdução à sociologia do direito penal. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, Instituto Carioca de Criminologia, 2002. 254p.
- BARBOSA, R. Reforma do Ensino Primário. In: *Obras Completas de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. v. X.
- BRASIL, DECRETO N. 12.893 - DE 28 DE FEVEREIRO DE 1919. Autoriza o Ministro da Agricultura a criar patronatos agrícolas, para educação de menores desvalidos, nos postos zootécnicos fazendas-modelo de criação, núcleos coloniais e outros estabelecimentos do Ministério. Disponível em: < http://www.ciespi.org.br/base_legis/baselegis_view.php?id=72>. Acesso em: 25 de setembro de 2008.
- BRASIL, PROJETO N. 322 DE 1912. Reorganiza o ensino da Escola Quinze de Novembro e dá outras providências. Disponível em: < http://www.ciespi.org.br/base_legis/baselegis_view.php?id=254>. Acesso em: 25 de setembro de 2008.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro, Degrau Cultural, 2009.
- CANO, Ignacio. Políticas de segurança pública no Brasil: tentativas de modernização e democratização versus a guerra contra o crime. *Sur, Rev. int. direitos human.*, São Paulo, v. 3, n. 5, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452006000200007&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 22 2008. doi: 10.1590/S1806-64452006000200007.
- CANO, I. e SOARES, G. D. (2002), As Teorias sobre as Causas da Criminalidade. Rio de Janeiro, IPEA. Manuscrito.

- CASTEL, R. (1991). De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation: précarité du travail et vulnérabilité relationnelle. In J. Donzelot (Org.), *Face à l'exclusion — le modèle français* (pp. 137-168). Paris: Esprit.
- CERQUEIRA, Daniel; LOBAO, Waldir. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582004000200002&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 22 2008. doi: 10.1590/S0011-52582004000200002.
- CHESNAIS, Jean Claude. A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua prevenção. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1999. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100005&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 22 2008. doi: 10.1590/S1413-81231999000100005.
- COSTA, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da; ASSIS, Simone Gonçalves de. Protective factors for adolescents in conflict with the law within the social-educational context. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000300011&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 22 2008. doi: 10.1590/S0102-71822006000300011.
- FANDINO MARINO, Juan Mario. Análise comparativa dos efeitos da base socioeconômica, dos tipos de crime e das condições de prisão na reincidência criminal. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200010&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 22 2008. doi: 10.1590/S1517-45222002000200010.
- FEIJO, Maria Cristina; ASSIS, Simone Gonçalves de. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 9, n. 1, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100017&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 20 2008. doi: 10.1590/S1413-294X2004000100017
- FILHO, Paulo Nogueira. S.A.M. Sangue Corrupção e Vergonha. Organização Libertas, 1956.
- GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. DE A. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. **Caderno de Pesquisa**, v.38 n.133, p. 41-59, 2008.
- GASPER, Joseph M. *What is the Effect of Dropping Out of High School on Delinquency? An Examination of Changing Relationships as Youths Drop Out of and "Drop In" to School*. Johns Hopkins University, January 2006.
- MOSER, C. e SHRADER, E. (1999), A Conceptual Framework for Violence Reduction. Washington, D. C., World Bank, Latin American and Caribbean Region, Environmentally and Socially Sustainable Development SMU (LCR Sustainable Development Working Paper nº 2).

PATTO, Maria Helena Souza. "Escolas cheias, cadeias vazias" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estud. av.** , São Paulo, v. 21, n. 61, 2007. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em: 20 2008. doi: 10.1590/S0103-40142007000300016.

PRIULI, Roseana Mara Aredes; MORAES, Maria Silvia de. Adolescents in conflict with the law. **Ciênc. saúde coletiva** , Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, 2007 . Disponível em: <
http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500015&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 22 Oct 2008. doi: 10.1590/S1413-81232007000500015

THORNBERRY, T.P., MOORE, M., and CHRISTENSON, R.L.. The effect of dropping out of high school on subsequent criminal behavior. **Criminology** 23(1):3–18, 1985.

ANEXO

Roteiro da entrevista

PERGUNTAS GERAIS:

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Como veio parar aqui? Fale sobre você. • Como é sua vida? Sua família? Seus amigos? • Como é seu cotidiano? • Como foi sua infância? E adolescência? • Como veio parar aqui? • O que pensa sobre a escola? Como foi sua trajetória escolar? Como eram/são as relações? • Como pensa seu futuro? O que gostaria? O que acha que vai acontecer? |
|---|
-
- Qual a sua idade? Onde você nasceu? Possui o registro do pai e mãe na certidão? Quais documentos você possui? Quem são os responsáveis pela sua criação?
 - Você trabalha ou trabalhou? Qual é ou era a sua renda?
 - Onde e com quem mora? Há quanto tempo? Morou aonde e com quem? Como é sua moradia? Qual a renda total das pessoas que moram com você?
 - Seus pais fazem o quê? Moram com você? Qual o grau de escolarização deles? Como é o seu relacionamento com seus pais? E com o resto da família? O que acha deles e o que eles acham de você?
 - Foi autuado em qual artigo? Já cumpriu alguma medida sócio-educativa? Qual? Há quanto tempo está privado de liberdade? Atribui a quais fatores o envolvimento com ato infracional?
 - Algum conhecido, amigo ou familiar já se envolveu com prática de ato infracional ou já esteve preso?
 - Fora a sua família com quem mais você convive? O que fazem e qual o grau de escolarização deles? Como são essas pessoas e o que fazem quando estão juntos? O que você faz como lazer?
 - Você já teve ou tem alguma doença séria? Você usa ou usou drogas? Por quanto tempo? Quais? Algum familiar ou pessoa no seu entorno usa ou já usou?
 - Qual série? Você estudava quando foi internado? Se parou, há quanto tempo está sem estudar e por quê? Qual a última escola em que estudou (pública ou particular/noturna ou diurna)? Você era considerado, em aprendizagem, um aluno muito bom, bom, regular, ruim ou muito ruim? Por quê? Você era considerado, em comportamento, um aluno muito bom, bom, regular, ruim ou muito ruim? Por quê? Do que gostava na última escola? Por quê? Do que não gostava da última escola? Por quê? Em relações as escolas anteriores à última: Estudou em quais escolas (pública ou particular/noturna ou diurna)? Você era considerado, em aprendizagem, um aluno muito bom, bom, regular, ruim ou muito ruim? Por quê? Você era considerado, em comportamento, um aluno muito bom, bom, regular, ruim ou muito ruim? Por quê? Do que gostava na última escola? Por quê? Do que não gostava da última escola? Por quê? Você presenciou alguma situação de criminalidade, violência, uso de drogas nas escolas que

estudou? Algum colega de escola praticou ato ilícito? Já teve alguma repetência(quantas?, quais?)? Já encontrou dificuldades para estudar? Quais? O que você acha da formação que recebe na escola? A formação que recebeu da escola é boa? Por quê? A escola é importante? Por quê? A escola pode ajudar a conseguir algo no futuro? De que forma? O que você aprende na escola ajuda no trabalho? De que forma? Pretende concluir o Ensino Médio? Por quê? Pretende fazer graduação? Por quê? Qual a relação dos seus responsáveis com a escola?

ANEXO II

QUESTIONÁRIO

Identificação

1. Idade: __ __	2. Data de nascimento: __ __ / __ __ / __ __	3. Série: __ __
4. Local de Nascimento: _____		
5. Cor/raça: __ Branca	__ Parda	__ Preta
__ Indígena	Outra: _____	

Sobre o ato infracional

6. Comarca: __ Capital	__ Outra (Qual? _____)
6.1. Foi autuado em qual artigo? _____	
6.2. Foi “prego” com alguém? _____	
6.3. Alguém do seu convívio social(amigos, família, colegas) já cumpriu/cumprir medida sócio-educativa ou esteve/está preso? __ Não	
__ Sim(Quem? _____)	
7. Já teve outras internações?	
__ Não	
__ Sim (Quantas? _____)	
8. Já cumpriu outra medida?	
__ Não	
__ Sim(Quais? _____)	

Sobre você

9. Estado civil: __ Solteiro	__ Casado	__ Separado	__ Viúvo
10. Você tem filhos? __ Não	__ 1	__ 2	__ 3
__ Mais de 3			
11. Religião: __ Católica	__ Evangélica	__ Outra(Qual? _____)	
12. Você é ou foi usuário de drogas? __ Não (pular a 13 e 14)			__ Sim
13. Você começou a usar com que idade? __ Menos de 10		__ Entre 10 e 12	
__ Entre 13 e 15		__ Entre 16 e 18	
__ Mais de 18			
14. Que drogas você usa ou usou? __ Álcool			
__ Cigarro			
__ Cola			
__ Tiner			
__ Maconha			
__ Cocaína			
__ Crack			
__ Outras(_____)			
15. Quais documentos você possui? __ Certidão de Nascimento ou casamento			
__ Carteira de Identidade			
__ CIC/CPF			
__ Carteira de Trabalho			
__ Título de Eleitor			
16. Você tem ou já teve alguma doença séria (tuberculose, meningite, pneumonia, hepatite...)?			
__ Não			
__ Sim (Qual? _____)			
17. Você tem ou teve alguma DST (Doença Sexualmente Transmissível)? __ Não			
__ Sim (Qual? _____)			
18. Você trabalha? __ Não			
__ Sim (Em quê? _____)			

Sobre os parentes

19. Pai: __ Vivo	__ Falecido	__ Desconhecido	Profissão: _____
Estudou: __ Sim(Série: _____)		__ Não	Trabalha: _____
20. Mãe: __ Viva	__ Falecida	__ Desconhecida	Profissão: _____
Estudou: __ Sim(Série: _____)		__ Não	Trabalha: _____
21. Você tem irmãos? __ Não			
__ Sim(Quantos? _____)			
22. Algum dos pais já cumpriu/cumprir medida sócio-educativa ou esteve/está preso?			
__ Não			
__ Sim(Quem? _____)			
23. Algum irmão já cumpriu/cumprir medida sócio-educativa ou esteve/está preso? __ Não			
__ Sim			
24. Responsável pela sua criação? __ Pai			
__ Mãe			
__ Parente (Quem? _____)			
__ Instituição(Qual? _____)		__ Outros(_____)	

Sobre a moradia

25. Você mora com: |Pai |Mãe |Irmãos |Namorada/Mulher
|Filhos |Tios |Avós |Amigos |Outros(_____)
26. Das pessoas que moram com você, quais trabalham? |Pai |Mãe
|Irmãos |Namorada/Mulher |Filhos |Tios |Avós
|Amigos |Outros(_____)
27. Renda mensal(soma de todos os salários) das pessoas que moram com você? _____
28. Você mora em: |Instituição |Casa |Apartamento |Barraco
|Rua |Outro (_____)
29. Quantos quartos? | 30. Quantos banheiros? | 31. Quantas salas? |
32. Fica em qual bairro/município? _____
34. O que tem na sua moradia? |Telefone fixo |Telefone celular |Carro
|Ar condicionado |Ventilador |Computador |Impressora
|Geladeira |Fogão |Microondas |Aparelho de som
|Televisão |Vídeo Cassete |DVD |Vídeo Game
|Lavadora de roupas |Chuveiro elétrico |Moto |Bicicleta
|Antena parabólica ou tv por assinatura

Sobre a escolarização

35. Você sabe ler e escrever? |Sim |Só escreve |Só lê
36. Frequentava a escola até entrar na unidade? |Sim(pular para a 39) |Não
37. Por que razão você deixou de estudar? |Não gostava de estudar |Não conseguia aprender
|Não gostava dos professores |Precisava trabalhar
|A família não incentivava |Outra(_____)
38. Com qual idade deixou de estudar? |Nunca estudou |7 |8
|9 |10 |11 |12 |13 |14 |15
|16 |17 |18 |19
39. Já repetiu algum ano? |Não |Sim(Quantas vezes? _____)
40. Parou em qual série/ano? |
41. A escola era: |Pública |Particular |Diurna |Noturna
42. Como era a escola? |Muito boa |Boa |Regular |Ruim
|Muito ruim 43. Por quê? _____
44. O que gostava na escola? |Do estudo |Dos professores |Da merenda
|Das amigas |Das garotas |Outras(_____)
45. O que não gostava? |Do estudo |Dos professores |Da merenda
|Das amigas |Das garotas |Outras(_____)
46. Você era considerado um aluno: |Muito bom |Bom |Regular
|Ruim |Muito ruim 47. Por quê? _____
47. Você considera a escola importante? |Não |Sim
48. Por quê? _____
49. Qual relacionamento dos seus pais com a escola em você estudava? |Muito bom
|Bom |Regular |Ruim |Muito ruim |Não havia
50. Você presenciou algum ato ilícito ou forma de violência na escola? |Não
|Sim(Qual? _____)
51. Algum colega de escola já este envolvido em algum ato ilícito ou forma de violência?
|Não |Sim(Qual? _____)

